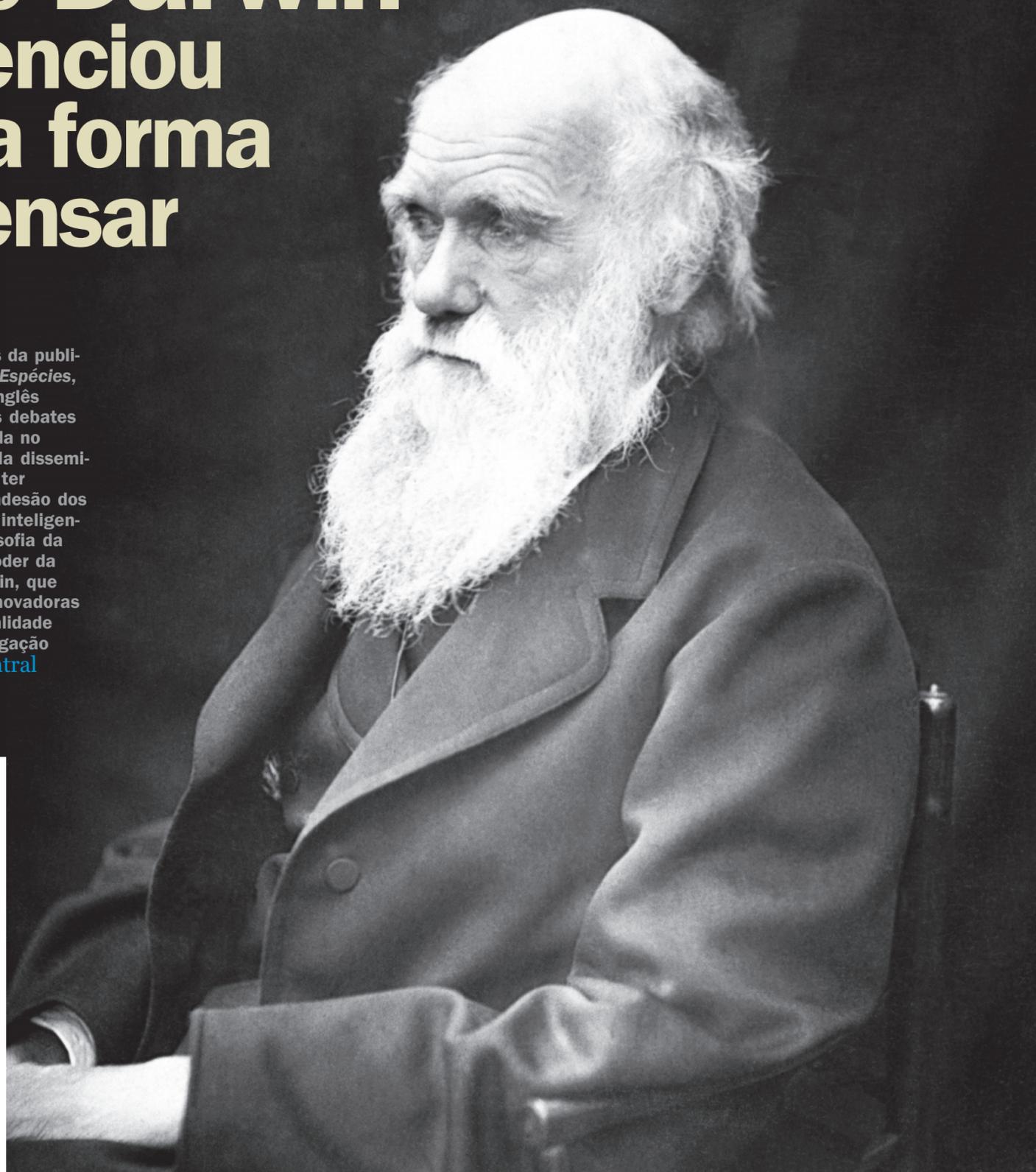


Como Darwin influenciou nossa forma de pensar

Quase 150 anos depois da publicação de *A Origem das Espécies*, a obra do naturalista inglês continua no centro dos debates sobre a evolução da vida no planeta Terra. Apesar da disseminação do criacionismo ter ganhado força com a adesão dos seguidores do “design inteligente”, estudiosos da Filosofia da Ciência reafirmam o poder da teoria de Charles Darwin, que trouxe contribuições inovadoras para a idéia de racionalidade como objeto de investigação científica. [Página central](#)



PETRÓLEO

Geociências pesquisa Bacia de Pelotas

O grupo de Estratigrafia Aplicada do Instituto de Geociências da UFRGS vem realizando investigações para a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a fim de verificar a existência de reservas de gás e óleo no estado. Segundo o coordenador do estudo, Michael Holz, a parceria entre a Universidade e a agência permite a formação de recursos humanos melhor qualificados e a aquisição de equipamentos que beneficiam estudantes e docentes do curso de Geologia. [Página 11](#)

CULTURA

Os 100 anos do Instituto de Artes

[Página 13](#)

COMPORTEAMENTO

Estréia de “Meu lugar na UFRGS”

[Página 15](#)

Ensaio América Latina é palco de interesses ideológicos divergentes [Página 10](#)

EXTENSÃO

Curso do IFCH qualifica gestores de projetos sociais

Desde março, o Instituto está desenvolvendo um curso de extensão para capacitar funcionários municipais no gerenciamento das políticas públicas oferecidas pela União. A iniciativa faz parte de um programa do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. [Página 5](#)

PIONEIRISMO

UFRGS forma especialistas em Direitos Humanos

Os primeiros 65 especialistas em Direitos Humanos receberam seus diplomas em agosto, mas o curso realizado em parceria com a Escola Superior do Ministério Público da União já foi além da academia: um grupo de alunos, criou um programa na Rádio da Universidade. [Página 7](#)

POLÍTICA COLÔMBIA X EQUADOR

Paulo Fagundes Visentini e Enrique Serra Padrós analisam a invasão do território que abalou as relações diplomáticas dos vizinhos sul-americanos. Os professores também abordam a situação das FARC, pivô da crise. [Página 4](#)



As estudantes Nádía, Agnela e Márcia vieram de Angola

CRISTINA ANDRADE

INTERCÂMBIO DA ÁFRICA PARA A UFRGS

Um grupo de sete estudantes universitários de Angola e Moçambique esteve na UFRGS para conhecer a prática de pesquisa desenvolvida em laboratórios das áreas de Agronomia, Biologia, Engenharia e Medicina. [Página 6](#)

Cartas



Engenheiros

Quero sugerir uma reportagem sobre a formação de profissionais para a área de Engenharia. Recentemente, os investimentos no pólo naval da metade Sul do estado suscitaram declarações de autoridades governamentais sobre a carência de engenheiros, problema que surpreende num estado com uma Escola de Engenharia já centenária.

Roberto Ferreira

Professor do ensino médio

Novos cursos

O jornal não vai fazer matérias sobre as novas graduações implantadas neste ano? Tenho interesse em saber como funciona o curso de Design, suas disciplinas e oportunidades de atividades práticas.

Claudia Comassetto

Vestibulanda

Memória da UFRGS

ACERVO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS



▶ **1963** O professor Fernando Corona (1895-1979) trabalhando em seu ateliê, na Faculdade de Arquitetura. Escultor, arquiteto, ensaísta, crítico e também professor do Instituto de Artes, ele deixou obras marcantes na paisagem porto-alegrense, como o desenho da Fonte Talavera, defronte ao paço municipal

Espaço da Reitoria

Universidades de qualidade e o desenvolvimento do país*

Há um claro reconhecimento, quando se consideram os fatores determinantes no desenvolvimento de uma nação, que as competências científicas e tecnológicas baseiam-se fortemente na existência de um sistema de educação qualificado.

Exemplo reconhecido universalmente desta realidade é o caso dos Estados Unidos, país líder em avanços científicos e tecnológicos em todas as áreas do conhecimento. Em seu território situam-se as dez melhores universidades do planeta, de acordo com recente publicação de reconhecida organização dedicada à avaliação da pesquisa produzida nessas instituições, a Higher Education Evaluation & Accreditation Council

of Taiwan. Neste estudo são citadas nove universidades da América Latina, e entre estas, seis são instituições brasileiras, públicas federais e estaduais. No caso do Brasil, cinco localizam-se nos estados do sudeste e uma no sul, a UFRGS, posicionada em quarto lugar nessa classificação.

Uma análise mais profunda dos resultados dessa avaliação que se baseia nos níveis de produção, impacto e qualidade da pesquisa realizada nas universidades permite estabelecer uma nítida correlação entre esses resultados e o grau de desenvolvimento científico e tecnológico atingido pelas nações.

Importante, também, é a constatação de que a existência da pesquisa nas universidades está ligada diretamente à pós-graduação. Em nosso

país esta situação combina-se de tal modo que a excelência de uma está condicionada à outra.

Assim, a reconhecida qualidade da pós-graduação brasileira, fruto de investimentos contínuos e responsáveis efetivados pelo Ministério da Educação, acoplados a um processo de avaliação reconhecido em nível internacional realizado pela CAPES, compõe a principal base para uma produção científica relevante e o consequente desenvolvimento tecnológico.

Na UFRGS o binômio pesquisa e pós-graduação destaca-se em conjunto, efetivamente confirmando esta regra, na medida em que a pesquisa é a quarta colocada entre as universidades brasileiras e o conjunto de seus 138 cursos de pós-graduação (61 dou-

torados, 68 mestrados e 9 mestrados profissionais) classifica-se em primeiro lugar entre as universidades federais na avaliação da CAPES.

Ao iniciarmos o ano acadêmico de 2008, muito devemos avançar. O desenvolvimento econômico e social de nosso país exige que mais universidades de excelência se consolidem como fonte de saber científico e tecnológico e formação de profissionais de alto nível. A atual política do nosso Ensino Superior efetivamente aponta nesta direção.

* Texto publicado na página 15 de Zero Hora no dia 4 de março de 2008

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000
www.ufrgs.br

Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Vice-reitor

Pedro Cezar Dutra Fonseca

Chefe de Gabinete

João Roberto Braga de Mello

Secretária de Comunicação Social

Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial

Antônio Sanseverino, Artur Lopes, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Helen Beatriz Frota Rozados, Márcia Benetti Machado, Maria Henriqueta Luce Kruse

Editora-chefe

Ânia Chala

Repórteres

Caroline da Silva, Débora Gastal (bolsista) e Jacira Cabral da Silveira

Colaboraram nesta edição

Fernando Favaretto e Marcelo Spalding

Projeto gráfico e diagramação

Juliano Bruni Pereira

Fotografia

Cadinho Andrade e Flávio Dutra

Revisão

Ânia Chala, Caroline da Silva, Débora Gastal e Jacira Cabral da Silveira

Circulação

Marcia Fumagalli

Fotolitos e impressão

Gráfica da UFRGS

Tiragem

12 mil exemplares

OS TEXTOS ASSINADOS SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

e-mail: jornal@ufrgs.br

Artigo



Pesquisa com células embrionárias: até onde vai a sua convicção?

“A minha convicção é do tamanho do meu conhecimento!” Ouvi esta frase em Brasília, no ano de 2004, quando participava de uma das inúmeras reuniões com parlamentares para debater a lei de células-tronco embrionárias. Seu autor: um parlamentar e importante representante religioso. Muito educado, inicialmente mostrou-se desfavorável às tais pesquisas. Certo do difícil debate que enfrentaria, mas pronta para exercer minha obrigação civil de professora universitária e cientista e para dizer o que aprendera com a Ciência, mostrei fotos de células de embriões, explicando como obtê-las e utilizá-las. Dei por cumprido o meu papel. Para minha surpresa, o parlamentar encerrou a reunião com a sábia e bela frase acima, dizendo que mudara seu voto.

Meses depois, tive outra reunião com uma autoridade religiosa respeitada nacionalmente, que infelizmente já nos deixou. Ela iniciou a conversa dizendo: “vamos então debater sobre essa lei que pretende matar criancinhas”. Por aí já tive certeza de que minhas palavras jamais abalariam tais convicções religiosas. Mas, novamente, o meu papel era passar as informações científicas. Após o mesmo procedimento descrito anteriormente, encerrei minha fala. Já me despedia quando o mesmo falou-me “As tuas colocações têm fundamento!” Foi outra surpresa.



Refletindo sobre o episódio, concluí que não era mesmo possível esperar posição inicial diferente daquela, uma vez que quando aquele senhor estudou Biologia, décadas antes, com a precária tecnologia não tínhamos noção do que era um blastocisto ou coisa parecida, nem mesmo havia bons microscópios, tampouco a Ciência tinha evoluído como nos últimos anos.

Um ano antes de os debates começarem, quando o assunto células-tronco ainda era uma novidade, organizamos um evento em Porto Alegre para ouvir a opinião da comunidade. Com cerca de 800 participantes e alguns dos palestrantes mais renomados do país, contrários e favoráveis a essas pesquisas, entre eles cientistas e religiosos, o encontro terminou com

uma pesquisa interativa. À medida que a plateia respondia às perguntas, o resultado era instantaneamente mostrado. A quinta pergunta era se a pessoa era a favor ou contra pesquisas com essas células, e 88% dos entrevistados responderam que aprovavam a iniciativa. Quando a pergunta número 20 questionou se a pessoa tivesse um filho cuja única salvação seria usar aquelas mesmas células-tronco embrionárias congeladas - com possibilidades de respostas variando de “não usaria” até “usaria sem dúvida alguma” -, 99% dos presentes optaram pela última.

Depois desses relatos, alguém poderia supor que exerço grande persuasão sobre as pessoas, o que, em outros tempos, poderia me levar à fogueira. Não sou prepotente a ponto de achar que tenho tamanho poder. Também não me considero a dona da verdade. Sou apenas uma cientista e professora que passa a vida estudando o assunto, o que me faz acreditar na Ciência com ética. Nessa condição, peço humildemente: por favor, deixem os especialistas trabalharem!

E concluo respondendo à pergunta do título, com a mesma frase do início deste texto.

Patrícia Pranke
Professora da Faculdade de Farmácia, chefe do laboratório de Hematologia e Células-tronco e sócia-fundadora do Instituto de Pesquisa com Células-tronco



Lançamento UFRGS ganha revista dedicada à pesquisa

Foi lançada, no último dia 23, a Revista da Pesquisa da UFRGS, publicação voltada para a comunidade universitária, empresários, imprensa, órgãos financiadores, legisladores e público em geral.

Reunindo artigos assinados, entrevistas e perfis de pesquisa-

dores, a revista terá uma versão impressa entregue a cada docente da Universidade e uma versão *on line*, disponibilizada no Portal de Periódicos Científicos da UFRGS.

Editor da publicação, o pró-reitor de Pesquisa Cesar Augusto Zen Vasconcellos diz que o

fato de vivermos num século em que o conhecimento ocupa o papel mais importante na configuração dos sistemas sócio-produtivos, torna a responsabilidade de quem o produz muito maior. “Como pertencemos a uma universidade pública, financiada pela sociedade

brasileira, todo o conhecimento gerado por nós precisa ser divulgado”, explica o professor, acrescentando que a publicação também contribuirá para que a sociedade perceba como pode usufruir dessas conquistas.

Segundo o pró-reitor, a revista deverá ter periodicidade semestral, com previsão de lançamento do próximo número para o mês de setembro. “Este é um primeiro número, mas espero que venha a ter continuidade na próxima gestão.”



Comemoração Instituto de Artes festeja centenário

O Instituto de Artes da UFRGS comemorou 100 anos de existência, no dia 22 deste mês, com uma série de atividades. Na Sala II do Salão de Atos, ocorreu a aula inaugural do primeiro curso de graduação em Música na modalidade de Ensino a Distância a entrar em funcionamento no Brasil. Integrado ao Programa Pró-licenciaturas do MEC, o curso é desenvolvido simultaneamente em 14 pólos espalhados por cinco estados brasileiros (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Espírito Santo, Bahia e Rondônia), numa parceria que envolve sete universidades públicas do país.

À noite, no Salão de Festas da reitoria, foi realizada uma cerimônia

com performances musicais e teatrais de professores e alunos criadas especialmente para o evento, com direção cênica de Luiz Paulo Vasconcellos. Na sequência, foi inaugurado um diptico confeccionado pelo artista plástico Luiz Gonzaga, que ficará exposto permanentemente na reitoria; foi entregue a premiação ao aluno Fernando Freitas, vencedor do concurso para o logotipo dos 100 anos; e foi feita a assinatura de Protocolo de Intenções entre UFRGS e Secretaria Estadual da Cultura do Rio Grande do Sul. A página 13 desta edição, o JU apresenta uma reportagem sobre o centenário deste que é um dos mais importantes Institutos da Universidade.

Comunicação UFRGS TV recebe novos equipamentos

No início deste mês, o projeto RedELFES, que envolve as áreas de Comunicação e Informática, permitindo a permuta de programação entre as emissoras das Instituições Federais de Ensino Superior de todo o Brasil, entregou à UFRGS TV um pacote de novos equipamentos. Os aparelhos irão agilizar a finalização dos programas e o gerenciamento de um banco de imagens da unidade produtora.

Saúde Medicina do trabalho

Estão abertas as inscrições para a primeira edição do curso de extensão em Medicina do Trabalho, organizado pela Faculdade de Medicina e Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Direcionada à formação de médicos, a atividade é integrada à residência médica em medicina do trabalho do HCPA. As aulas serão desenvolvidas de maio a dezembro, das 13h às 17h, de segundas a sextas-feiras. Outras informações podem ser obtidas junto ao Serviço de Medicina Ocupacional do Hospital, pelo telefone 2101-8222.

Educação infantil Oficina para professores

O Núcleo de Tecnologia Digital Aplicada à Educação (Nuted) promove a oficina *Uso do planeta Arte: formação de professores de Educação Infantil e Séries Iniciais*. A atividade será realizada de 28 de abril a 26 de maio, das 19h às 22h, nas segundas e quartas-feiras, na Faculdade de Educação da UFRGS. Informações e inscrições gratuitas pelo e-mail dai.almada@gmail.com.

Bolsas Programas de doutorado nos EUA

Os programas de doutorado Capes-Fulbright e Fulbright Science & Technology estão recebendo inscrições para candidatos a bolsas. O primeiro deles, desenvolvido em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), concede bolsas de estudos para doutorandos brasileiros nos Estados Unidos. Os auxílios têm duração de doze meses e os interessados podem se candidatar até 12 de maio. Já as bolsas do doutorado Fulbright Science & Technology destinam-se a recém-formados nas áreas de Ciência, Tecnologia e Engenharia. Os três melhores candidatos participarão de competição internacional que concederá 40 bolsas de doutorado em universidades norte-americanas. O prazo de inscrição vai até 15 de maio. Mais informações através do site www.fulbright.org.br ou pelo telefone (61) 3248-8600.



Onça-parda, uma das espécies da região Neotropical em risco de extinção

Especialização Diversidade e conservação da fauna

O Programa de Pós-graduação em Biologia Animal está com inscrições abertas até dia 30 de maio para o curso de especialização em *Diversidade e Conservação da Fauna*, dirigido a profissionais de diversas áreas do conhecimento, que trabalham com questões relacionadas à biodiversidade. Segundo Luiz Roberto Malabarba, que integra o corpo docente, “o diferencial do curso reside na abordagem de tópicos específicos relacionados à legislação e conservação da diversidade biológica, com especial ênfase na descrição e discussão da diversidade de cada

grande grupo de organismos na região Neotropical como um todo (Américas do Sul e Central) e mais detalhadamente do sul do Brasil.” Malabarba acrescenta que o programa permitirá aos alunos conhecer aspectos evolutivos e de diversidade morfológica, que devem ser considerados na tomada de decisões relacionadas à conservação. As aulas iniciam em 6 de junho, nos seguintes horários: sextas-feiras, das 14h às 17h30min ou das 19h às 22h; e sábados, das 8h30min às 12h30min e das 14h às 17h30min. Mais informações no site www.ufrgs.br/zoologia/especializacao ou através do telefone 3308-7696.



Entre gritos e sussuros, de Gabriela Corrêa Noé

Uniarte Catálogo divulga produção de formandos

Foi lançado no último dia 15, o catálogo da exposição *Plataforma 2007/2: Projetos de Graduação em Artes Plásticas*, inaugurando a programação de 2008 da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes. A exposição, que marcou a reativação do Projeto Uniarte, reuniu obras de 15 novos artistas, desenvolvidas em projetos de graduação relacionados à pintura, fotografia, desenho, gravura, vídeo, escultura e à área da licenciatura em Artes Visuais. Para Ana Maria Albani de Carvalho, professora do Instituto e

coordenadora da Pinacoteca, a edição do catálogo é um resgate importante. “Esse tipo de publicação é fundamental para registrar de forma permanente não só as obras feitas pelos alunos, que inserem seu trabalho no debate contemporâneo, mas também todo um processo de montagem das mesmas, sua concepção e conceitos”, diz Ana Carvalho. Além da exposição, estão previstos ainda outros cinco eventos entre exposições na galeria da Pinacoteca e mostras individuais, que ocuparão espaços do Museu da UFRGS.



Museus, como o da Língua Portuguesa (SP), são espaços de ação social

Museologia Recursos vão ampliar formação

No início deste mês, José do Nascimento Jr., diretor do Departamento de Museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), esteve na UFRGS para participar da aula inaugural do recém-criado curso de Museologia. Ao lado do professor da Unirio, Mário Chagas, ele manteve audiência com o reitor, José Carlos Hennemann, na qual tratou da política do Ministério da Cultura em relação aos museus do país e das possibilidades de parcerias na área.

Em entrevista ao JU, o dirigente, egresso do curso de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade, disse que hoje os museus são vistos como ferramentas importantes para o processo de transformação da realidade. Nesse sentido, destacou que a concepção do Museu da UFRGS, “é um exemplo de museu universitário, por trabalhar na difusão do co-

nhecimento em diferentes áreas, criando uma transversalidade que nem sempre se observa no cotidiano da universidade”.

Nascimento Jr. acrescentou que os museus constituem-se numa das instituições mais complexas idealizadas pelo ser humano, justamente por guardarem o registro do produto da ação do homem. “Por isso, ele é um espaço de ação social muito importante que precisa ser democratizado.”

Em 2003, quando foi implantada a política nacional de museus, havia somente dois cursos de Museologia no país e uma grande demanda para a ampliação da formação de profissionais. Atualmente, existem oito cursos no Brasil, e até 2010, impulsionados por recursos do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), deverão ser criados mais quatro cursos.

Dicas de sites

Flora brasiliensis on line
florabrasiliensis.cria.org.br

Site com um sistema de informação on-line sobre a flora brasileira, tendo como base as imagens digitalizadas das pranchas de famílias selecionadas descritas na *Flora brasiliensis* de Carl Friedrich Philipp Von Martius (1794-1868). Médico, botânico e antropólogo alemão, Von Martius viajou pelo Brasil por quatro anos ao lado do naturalista Johann Baptiste Von Spix (1781-1826). A página traz a história da publicação e de seus criadores e permite buscas pelo nome científico das espécies catalogadas, com riqueza de detalhes. Além disso, divulga o belo trabalho artístico realizado há dois séculos.

Traça — Livraria e sebo virtual
www.traca.com.br

Página da tradicional livraria porto-alegrense especializada em livros usados, com sede no bairro Bom Fim (Av. Osvaldo Aranha, 966), que possui um dos maiores acervos do sul do país. O site permite fazer buscas por assuntos e traz uma ficha descritiva das publicações. Acessando o link “livros especiais” o internauta pode fazer um mergulho bibliográfico, garimpando primeiras edições e exemplares autografados em áreas como Literatura, História e Psicologia. Outro atrativo é o guia dos sebos brasileiros, localizado no rodapé da página inicial, que oferece uma extensa listagem com endereços, telefones e e-mails.



Conflito na América Latina

O RECENTE EPISÓDIO ENVOLVENDO COLÔMBIA E EQUADOR expôs a delicada conjuntura das relações diplomáticas entre os países sul-americanos. Ao invadir o território equatoriano para capturar o segundo homem na linha de comando das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), os militares colombianos assumiram os riscos de gerar uma desestabilização regional. Por outro lado, o apoio norte-americano à ação dos colombianos, serviu para acirrar ainda mais os ânimos, em especial dos presidentes da Bolívia e Venezuela. Depois de muitas ameaças e troca de acusações, o episódio foi encerrado graças à atuação do Brasil, preocupado em evitar um conflito que poderia trazer sérios prejuízos aos protagonistas. Para analisar os desdobramentos desses acontecimentos, o JU convidou os professores Paulo Fagundes Visentini, do curso de Relações Internacionais, e Enrique Serra Padrós, do curso de História. Ambos trazem reflexões sobre o contexto histórico e político em que as ações de cada governo assumem novos significados e apontam para futuros desdobramentos.



O militarismo do norte e a diplomacia do sul

Paulo Fagundes Visentini *

O bombardeio pela Colômbia de um acampamento das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), localizado do lado equatoriano da fronteira, gerou uma crise bilateral que envolveu também a Venezuela. Trata-se de algo novo, se considerarmos a violação da soberania territorial do Equador, mas está, igualmente, vinculado a uma nova modalidade de confronto político em escala regional.

Analistas apressados desenharam cenários catastróficos em artigos analíticos nas edições do fim de semana seguinte, enquanto as notícias do dia mostravam a patética confraternização dos líderes rivais na Organização dos Estados Americanos (OEA). Mas a explosão prevista não ocorreu e, como é tradicional na cultura política da América Latina, fala-se muito e forte, e se faz pouco. Como se os discursos adquirissem força de realidade.

Os líderes de esquerda, Chávez, Morales e Correa, sucederam a elites corrompidas e desgastadas e buscam um novo caminho para a superação de graves problemas sociais. Mas esbarram em complexidades e obstáculos difíceis

de superar no curto prazo. Chávez sofreu considerável desgaste junto à sua base de poder ao propor um plebiscito numa época de dificuldades, mas a oposição não constituiu ainda uma alternativa viável, configurando-se uma estagnada guerra de posições.

Já Morales encontra-se atolado numa difícil negociação com a elite econômica de Santa Cruz e os governadores dos departamentos produtores de gás. Correa não tem, aparentemente, este tipo de problema, mas não sabe bem que direção tomar, com uma economia dolarizada, uma imensa base militar norte-americana em seu território e o afluxo de refugiados do conflito colombiano. Uribe, por sua vez, busca tirar proveito do apoio da administração Bush, jogando com o problema transnacionalizado das FARC, como forma de deixar seus hostis vizinhos na defensiva.

A Colômbia representa uma peça-chave para

A Colômbia representa uma peça-chave para a estratégia norte-americana

a estratégia norte-americana, tanto em seu esquema de combate a guerrilhas e narcotráfico, quanto na oferta de acordos bilaterais de livre-comércio, em substituição à congelada negociação da ALCA. Igualmente representa um instrumento útil para manter os governos esquerdistas envolvidos numa agenda desgastante para eles e para a integração regional. Mas a retomada de uma diplomacia latino-americana consistente por Washington, dependerá do futuro(a) presidente.

O curioso é que o pivô da crise, as FARC, representam um ator declinante na política regional, tanto em consequência do Plano Colômbia como de uma transição sociológica desfavorável. Há uma crise de recrutamento, quebra da coesão de seus membros e expulsão para áreas de fronteira, resultando na perda de contato com a população colombiana e no desconforto dos vizinhos, que não desejam problemas

em fronteiras distantes e pouco guarnecidas.

Sabe-se que o controle das fronteiras, especialmente na Amazônia, oscila entre precário e inexistente, mas é difícil crer que o Equador desconhecêsse a presença de um grupo armado estrangeiro em seu território. Por outro lado, em nenhuma hipótese poderia haver ataque a um território vizinho sem o consentimento do respectivo governo.

Obviamente, tratou-se de uma demonstração de força pela Colômbia, que gerou crise e desgaste sérios. Todavia, o desfecho, ainda que patético para os exaltados personagens, demonstrou a existência de uma diplomacia discreta e eficaz na América do Sul, que teve desdobramento na criação do Conselho Sul-Americano de Defesa, anunciado pelo ministro Jobim. Sutilmente, os diversos vizinhos fizeram saber aos protagonistas que esse tipo de crise é indesejável numa região repleta de problemas e carente de uma integração mais eficaz. E os que menos gritam são os que mais avançam.

* Professor de Relações Internacionais na UFRGS

A pentagonização da Colômbia e a desestabilização regional

Enrique Serra Padrós *

O ataque que vitimou o comandante Raul Reyes, das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), assim como a grave crise diplomática decorrente, permite algumas reflexões iniciais.

O desinteresse do governo Uribe (e dos EUA) na libertação dos reféns em poder da guerrilha vincula-se à rejeição de negociações e ao protagonismo de interlocutores incômodos. Uma distensão impediria os EUA de regionalizar o conflito, desestabilizar os governos rebeldes (Chávez, Morales e Correa), e reverter as tendências integracionistas da América do Sul.

Tentou-se encobrir o ataque contra Reyes manipulando informações, gerando diversionismo (as ligações externas das FARC) e reafirmando que tudo vale na guerra (até trair acordos e armar ciladas). Entretanto, é importante ressaltar: havia um processo de negociação (a libertação de Ingrid Betancourt) envolvendo representantes europeus, a Venezuela, o Equador, as FARC e o próprio governo Uribe.

Pode-se questionar a metodologia da organização guerrilheira, suas nebulosas relações de sobrevivência e suas contradições internas. Mas ela é uma força político-militar beligerante de longa data, originada nos desdobramentos do

Bogotazo (1948), que controla parte do país e defende um projeto oposto ao neoliberalismo excludente e violento do governo Uribe.

As corporações midiáticas que acusam as FARC de terroristas (em sintonia com a Era Bush) silenciam quanto ao uso sistemático do terror governamental (e paramilitar) e suas vinculações com o narcotráfico. Silenciam, também, que em 1984 houve um cessar-fogo (*Acuerdos de la Uribe*) e as FARC depuseram as armas e se organizaram na *Unión Patriótica*. Entretanto, em poucos anos, três candidatos presidenciais e mais de cinco mil ativistas vinculados a essa força acabaram assassinados. Sobre isto também há silêncio.

Há cumplicidade norte-americana no ataque fornecendo a tecnologia de detecção e as "bombas inteligentes" utilizadas, além da provável utilização da Base de Manta. Vale lembrar as pedagógicas palavras de um militar equa-

As corporações midiáticas que acusam as FARC de terroristas silenciam quanto ao uso do terror governamental

toriano em 2001: "Diante do Plano Colômbia, Manta é um porta-aviões dos EUA na América Latina".

A ofensiva contra as FARC é parte da estratégia de afetar o equilíbrio militar de uma região onde a Venezuela de Chávez e seu petróleo são alvos diretos. Aliás, Washington considera chave o controle da região andina para recuperar terreno diante do avanço das multinacionais européias e impedir a concorrência de outras potências emergentes (caso do Brasil).

O Plano Colômbia I fortaleceu a capacidade militar de Bogotá. A culpa do combate às FARC e ao narcotráfico rendeu à Colômbia mais de US\$ 5 bilhões em ajuda militar. A modernização das forças armadas é visível: helicópteros *Black Hawk*; armamento leve; visores infravermelhos; lanchas rápidas; aviões de inteligência; radares de última geração. Mais de 1.500 assessores do Pentágono se somam a dúzias de instru-

tores israelenses e às corporações privadas de segurança.

O exército colombiano, na atualidade, é o segundo da América do Sul e o que mais gasta (6,5% do PIB). A proporção de efetivos militares, em relação aos vizinhos, é de 6x1 (Venezuela) e 11x1 (Equador). Já o Plano Colômbia II, em andamento, promete mais de US\$ 40 bilhões para a contra-insurgência no período 2007-13. O objetivo concreto é tornar o país confiável ao capital externo, particularmente nos setores de hidrocarbonetos, mineração e agronegócio. A estratégia continua a mesma: o deslocamento da guerra interna aos países vizinhos para desestabilizá-los (expulsando população, cultivos de coca e guerrilheiros).

Em suma, o Plano Colômbia persiste no combate a toda e qualquer força de resistência que se opõe à dominação econômico-militar dos EUA, das multinacionais e dos setores locais associados. E o mais preocupante é que nada indica que o cenário alvo fique restrito às selvas e montanhas controladas pelas FARC ou à Venezuela de Hugo Chávez.

* Professor do departamento e do PPG-História/UFRGS

Benefício é direito do cidadão

Formação

IFCH oferece curso do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome para gerentes sociais do RS e SC

Caroline da Silva

Configurado como atividade de extensão universitária, o *Curso de Capacitação de Gerentes Sociais que atuam na Proteção Social Não Contributiva* iniciou em março e terá sua última etapa presencial em maio. A iniciativa faz parte do Programa Gestão Social com Qualidade do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Em todo o país, foram selecionadas agências capacitadoras estaduais para cada lote pré-estabelecido por regiões brasileiras. A agência do lote 14, ao qual correspondem os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, é a Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAURGS).

Os professores Benedito Tadeu César e Luiza Pereira, coordenadores do curso oferecido no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, explicam que a UFRGS ficou entre as cinco instituições de ensino do Brasil pré-selecionadas pelo Ministério.

“Quando foi definido o desenho geral do curso com temáticas e objetivos, fizemos uma proposta mais abrangente, dentro do nosso perfil”, esclarece Benedito. Alguns professores do IFCH já atuam nessa área e há inclusive uma especialização em projetos sociais e culturais no Instituto. O curso tem por finalidade ensinar funcionários municipais a gerenciarem as políticas públicas oferecidas pela União. Também é direcionado a pessoas que exerçam funções políticas, respondam pela formulação e gerência de projetos ou que tenham responsabilidade política.

Apesar da UFRGS não ter graduação em Serviço Social, as áreas da Sociologia, Antropologia, Ciência Política e Administração fazem interface com essas questões.

Políticas públicas – Proteção social não contributiva é aquela em que o beneficiário não contribui diretamente. “É diferente da previdência e da aposentadoria, em que o sujeito que contribui é o mesmo que será favorecido”, explica Benedito. No entanto, ele adverte para a imprecisão do termo: “Obviamente, a pessoa também é contribuinte porque esse recurso provém da arrecadação de impostos que todo cidadão paga”. Esse tipo de proteção não exige contrapar-



A família de Ilda Martins (à esq.), composta pela filha Magda e seis netos, reside em uma área invadida na periferia de Gravataí

tida, tem somente condicionalidades, isto é, o beneficiário deve cumprir algumas exigências. O sociólogo cita como exemplo os critérios do Bolsa Família, em que “o beneficiário só recebe se estiver dentro daquela faixa de renda, se as crianças estiverem em idade escolar e comprovarem que estão frequentando as aulas etc.”.

Um dos grandes desafios do projeto é desfazer a percepção errônea de que tal tipo de iniciativa é objeto de troca política. “Não se trata de assistencialismo, mas de uma política de Estado, de reconhecimento de direitos do cidadão”, define o professor do IFCH. Ele conta que é comum encontrar resistência entre pessoas que detêm postos de comando dentro das secretarias, mas frisa que as políticas sociais não pertencem a uma gestão.

Assistência Social – Esse tipo de política é relativamente novo no Brasil, e resultou dos parâmetros definidos na Constituição Federal de 1988. “Foi um conjunto de leis criado a partir da Constituição que gerou um novo paradigma da área”, narram os professores Luiza e Benedito, lembrando a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) e da Norma Operacional Básica da Assistência Social. A própria Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) é de 1993.

O Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que está pautando e ampliando essas atividades Brasil adentro, também é uma instituição jovem. Em 12 de março, quando a reportagem acompanhou uma aula do curso de capacitação, o MDS

completava quatro anos de existência.

Benedito diz que a organização institucional brasileira, sendo uma federação, define atribuições para os entes federados. A União tem a maior parte dos recursos, mas esses serviços têm de estar associados a projetos que precisam ser criados nos estados e municípios. O professor do IFCH acrescenta que cada ente federado é autônomo, mas ressalta uma peculiaridade de nosso país. “Somos a única federação trina no mundo. Todas as federações têm dois entes: a União e o Estado. No Brasil não, o município e o estado têm status jurídico e político”. Dessa forma, não pode haver uma determinação da União sobre o estado ou do estado sobre o município. “A preocupação é motivar ambos, integrá-los a essa política nacional, advertindo tratar-se de uma norma constitucional, definida por uma legislação anterior a esses governantes”, destaca o sociólogo.

Gerentes sociais – O curso é uma forma da Universidade fazer com que os benefícios hoje existentes sejam bem geridos e distribuídos entre um grupo maior de pessoas.

Além da coordenação geral de Benedito Tadeu César, e da organização pedagógica de Luiza Pereira, Enno Liedke Filho participa adjuntamente desta função, e Leandro Raizer coordena o Ensino a Distância. As atividades serão desenvolvidas em quatro etapas; duas delas a distância e as outras presenciais.

Como trabalho final, os gerentes deverão produzir um diagnóstico dos municípios. A coordenadora pedagógica específica que os assistentes sociais terão de levantar dados como população, nível de pobreza, quem são os registrados no cadastro único, além de informações relativas à escola e saúde. Por isso, uma das grandes diretrizes do curso é a utilização dos bancos de dados. Benedito acredita que muitas vezes os sistemas de informação dos diversos setores e instâncias não conversam entre si. “O Ministério está preocupado em qualificar os municípios, não só para alimentar esses bancos, mas para apropriar-se dessas informações e gerar políticas.”

Experiência Capacitação não é turismo

As despesas de hospedagem e transporte em Porto Alegre para os representantes dos municípios foram subsidiadas pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Márcia Kayser veio de Blumenau para o *Curso de Capacitação de Gerentes Sociais que atuam na Proteção Social Não Contributiva* ministrado no Campus do Vale da UFRGS. Assistente social da prefeitura da cidade catarinense e funcionária concursada há seis anos, ela atualmente é Diretora de Articulação, Inserção Profissional e Captação de Recursos. Márcia conta que quando ficou sabendo do curso, em 2007, manifestou interesse. No processo de seleção das representantes do pólo industrial de origem alemã, a assistente ficou como suplente, pois foram selecionadas outras três profissionais, também gerentes. “Chegando no momento final, uma colega não pôde vir por motivos pessoais. Me ofereceram a vaga e imediatamente me organizei para estar aqui”.

Márcia Kayser acredita que o curso vai ajudá-la bastante, pois é diretora de mais de um programa de ponta e só tinha uma grande familiaridade com o SICON, ferramenta de convênios, já que tem como atribuição trabalhar a captação de recursos. “A partir das aulas, além de ampliarmos um pouco mais esse nosso conceito de que a política de assistência social é a política de seguridade social não contributiva, será fundamental percebermos que muitas vezes operamos serviços e não a gestão.”

A assistente social compreendeu que o cargo de gestora faz com que ela delegue certas funções a terceiros, o que implica em que ela não saiba operar todas as ferramentas. A representante de Blumenau

conta que está adorando o curso e não está em Porto Alegre para fazer turismo. “Espero que este curso faça com que o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) seja ainda melhor em nosso município. Na minha perspectiva, esse sistema veio só para melhorar a política. A partir de cursos de qualificação como este a política de assistência social vai realmente ampliar os horizontes no nosso Brasil.”

Heraida Raupp, de Porto Alegre, também destaca a importância dos sistemas de bancos de dados. Como função atual, a assistente social ocupa a coordenação da Assessoria de Gestão da Informação e Tecnologia da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC), departamento da prefeitura. “Minha principal expectativa quanto a esse curso é me qualificar para a gestão, porque tenho a tarefa de coordenar. A prefeitura em si não capacita, ela dá a demanda e tu tens que dar conta.” Em função disso, Heraida inscreveu-se em vários cursos de capacitação.

Embora tentando acompanhar e ler sobre o assunto, a gerente tem a esperança de se situar melhor sobre a questão da gestão da informação. O tema é bastante novo em administrações públicas e apresenta-se como desafio. “Todas essas aulas são muito importantes”. Apesar da Prefeitura de Porto Alegre estar equipando os setores com computadores novos e do amparo da Procempa, empresa de processamento de dados da capital, a coordenadora avalia que os funcionários precisam entender o potencial que um banco de dados tem para a produção de indicadores, para então alimentarem o sistema. “De nada adianta termos grandes ferramentas, se elas não são usadas”, conclui Heraida Raupp.



Aulas são realizadas no IFCH

Africanos visitaram a UFRGS graças a um programa de incentivo à formação científica



CADINHO ANDRADE

Férias no laboratório

Intercâmbio Estudantes de Angola e Moçambique conheceram como se faz pesquisa na UFRGS

Jacira Cabral da Silveira

A UFRGS recebeu, nos meses de fevereiro e março deste ano, sete estudantes de universidades africanas de Angola e Moçambique, através de programa de incentivo à formação científica, promovido pelo Ministério de Relações Exteriores do Brasil. Eles vieram por um período de 30 a 40 dias para estagiar em laboratórios de diferentes departamentos da Universidade, possibilitando assim, maior contato com a prática de pesquisa desenvolvida nas universidades brasileiras, nos mesmos moldes do Programa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ao todo, foram 30 graduandos africanos recebidos pelas Instituições de Ensino Superior (IES).

Além das vagas oferecidas nos cursos de graduação, conforme as áreas de interesse dos países visitantes, cada universidade que recebeu os estudantes custeou, tanto a estadia quanto a alimentação, além de oferecer uma bolsa para mantê-los durante o período do intercâmbio. Foram designados professores tutores para cada um dos novos alunos, a fim de orientá-los nas atividades acadêmicas e ajudá-los na adaptação a nova experiên-

cia. Os estudantes que vieram para a UFRGS foram recebidos pelos cursos de Medicina, Veterinária, Agronomia e Engenharia. Para melhor atender os interesses de cada um foram oferecidas atividades nas áreas de pediatria, imunologia, ginecologia, genômica estrutural e funcional, patologia, engenharia ambiental e estudos de solos.

Em seis de setembro de 2007, os governos da República de Moçambique e do Brasil, assinaram acordo de cooperação visando à criação de programa com vistas a aprimorar o apoio brasileiro, que hoje já oferece os Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) e Programa de Estudante Convênio de Pós-graduação (PEC-PG). Tais iniciativas têm por objetivo a formação de recursos humanos, possibilitando aos cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais ou culturais realizarem cursos de graduação nas IES brasileiras participantes do programa. Depois dessa primeira turma, outras vagas serão oferecidas no final de cada ano, preferencialmente aos países africanos e latino-americanos, o que poderá resultar na volta desses estudantes para realizar cursos de pós-graduação no Brasil e, possivelmente, na UFRGS.

Experiência positiva – Prince Cândido Zandamela é o caçula. Tem 19 anos e está concluindo o curso de Engenharia Agrônoma em Moçambique. Ele é um dos sete estudantes africanos que integraram a primeira turma de intercâmbio de férias e ficou hospedado no mesmo apartamento que seu conterrâneo, Delfino Carlos Vubil, de 25 anos, estudante de Biologia. Para Prince, a experiência tem vários aspectos positivos. Primeiro, possibilita ao estudante visitante uma “visão mais ampla de um

mundo globalizado”. No seu caso, permitiu entrar em contato com uma prática diferente de agricultura, setor que emprega 90% da população moçambicana, da qual apenas 10% tem acesso à tecnologia e avanços no setor. “A agricultura no Brasil é uma economia, em Moçambique é um pão,” compara. Enquanto os brasileiros plantam para vender, em Moçambique, produz-se para o suprimento imediato. “Minha avó faz agricultura para comer.” Prince gostaria de poder levar do nosso país o modelo de fábrica de insumos agrícolas, porque acredita que resolveria 20% dos problemas de seu povo, que hoje paga muito caro pelos insumos exclusivamente importados. “Aqui se faz uréia, em Moçambique não,” argumenta. Também revela o desejo de levar uma fábrica de fertilizantes para Moçambique.

Delfino, o gourmet da turma, trocou receitas com alguns brasileiros e diz que não vai esquecer o que fez nos laboratórios do departamento de Engenharia Ambiental, onde trabalhou com drenagem ácida e tratamento de efluentes. Durante sua estada na UFRGS, pode trabalhar com questões que apresentam insuficiência em seu país, como o beneficiamento de produtos e a falta de ligação entre produtor e mercado consumidor. Segundo ele, ainda há muito que digerir da experiência do intercâmbio, mas já está certo de que fará mestrado, só não definiu em que país.

Em paz há cinco anos, Angola agora começa a vislumbrar novos horizontes. Nesse contexto, surgiu a oportunidade do intercâmbio com as universidades brasileiras, avalia Carlos Diamantino Manuel Soares, 27 anos, formando de Medicina. Para ele, o governo de seu país, ao trocar os investimentos com a guerra por verbas para a educação e a saúde, deu preferência a esses setores ao solicitar as

vagas ao programa de intercâmbio. Com ele, foram mais quatro estudantes angolanos de Medicina que estiveram na UFRGS: Nádia Aksana da Silva de Carvalho (21 anos), Márcia Pascoal Barros (23 anos), Agnela da Ressurreição Gaspar Mboter de Carvalho Cardoso (28 anos) e Osvaldo Pereira Antônio (27 anos).

Agnela comenta que, apesar da chegada ter sido um pouco confusa devido à falta de conhecimento do que poderia fazer especificamente nos laboratórios, sentiu-se bastante acolhida pelo professor tutor, que a reconduziu da área de bioquímica para a qual havia sido designada, para a da ginecologia, seu real interesse de estudo. “Quando voltar à Angola apresentarei um projeto que poderá melhorar a condição de saúde da mulher africana.” Para Nádia, o mais importante da experiência foi criar laços para futuros estudos depois da graduação. Ela avalia que para as próximas edições do programa os estudantes devem saber com antecedência quais as atividades e temas que serão desenvolvidos nos laboratórios.

Na opinião de Osvaldo, um dos objetivos do intercâmbio promovido pelo governo brasileiro é fazer com que o estudante africano tome conhecimento do trabalho científico antes de decidir se realiza o mestrado fora de seu país. Ele comenta que experiências anteriores revelaram a defasagem de seus conterrâneos em relação aos demais colegas dos cursos no exterior. Por outro lado, Prince alerta a respeito do período do ano em que é oferecido o intercâmbio. Por ser época de férias pode ocorrer o que houve este ano com seu colega Delfino, que só pode fazer experimentos bem depois dos demais africanos designados para outros cursos: “Não havia com quem trabalhar no laboratório,” justifica.

Conhecendo a UFRGS

Instituto de Artes
Cem anos atuando com a comunidade

Por Fernando Favaretto



UFRGS TV

O Instituto de Artes da UFRGS celebra seu centenário no dia 22 deste mês, e as comemorações têm como palco não apenas os ambientes acadêmicos, mas os diversos espaços através dos quais ele se consolidou ao longo dos anos. Nascido de um desejo da comunidade, é para ela que o Instituto volta seus principais olhares, assumindo com o público um compromisso que se manifesta nas muitas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

De acordo com o professor Alfredo Nicolaiewsky, diretor do Instituto, o órgão surgiu quando um grupo de políticos, médicos, advogados e engenheiros sentiu a necessidade de um curso de Artes no estado. “Ele foi criado originalmente para ser um curso de música e artes visuais.



Música para crianças do HCPA com Daniel Wolff

Em 1908, instalou-se o curso de música. O de artes visuais foi lançado dois anos mais tarde. E o de teatro surgiria somente em 1957”. Contando com cerca de mil alunos matriculados nos três cursos de graduação que oferece, o Instituto de Artes também é reconhecido por suas atividades de pesquisa. “Antigamente, o ensino da arte era feito dentro de cursos, e as escolas estavam mais voltadas para a produção artística. A partir da vinculação com a universidade, percebeu-se a importância de se fazer também pesquisa teórica”, lembra Nicolaiewsky.

O professor destaca o quanto a arte cria laços com a comunidade: “O Instituto de Artes é a vitrine da Universidade. Somos a parte mais visível. Ao abriremos os jornais, diariamente, sempre encontramos notícias sobre o trabalho de um professor, aluno, ex-professor ou ex-aluno. Não que isso nos torne melhores, mas é nossa característica produzir para o público”.

Para mostrar a dimensão educativa, social e cultural do Instituto de Artes, a UFRGS TV apresenta no mês de abril uma série de três programas. Confira as datas em que o *Conhecendo a UFRGS* vai ao ar:

22 de abril – Artes Visuais
29 de abril – Música
6 de maio – Teatro

Assista ao programa

O programa *Conhecendo a UFRGS* vai ao ar às terças-feiras, com reprise às quintas-feiras, a partir das 21h30min, através da UNITV, canal 15 da NET Porto Alegre



“A agricultura no Brasil é uma economia, em Moçambique é um pão

Prince Cândido Zandamela
estudante de Engenharia Agrônoma





Especialização em Direitos Humanos

Parceria

UFRGS e Escola Superior do Ministério Público da União criaram oportunidade inédita

Jacira Cabral da Silveira

Em agosto, ocorrerá a formatura da primeira turma do curso de especialização em Direitos Humanos, promovido em parceria entre a UFRGS, através do Observatório de Direitos Humanos e do curso de Direito, e a Escola Superior do Ministério Público da União (ESMPU). O curso teve início em 2006, sob a coordenação de Domingos Sávio Dresch da Silveira, Procurador-geral da República e professor da UFRGS. Dos 700 inscritos, foram selecionados 65 que receberam bolsa integral, tendo a ESMPU investido R\$ 150 mil para os custos com professores e passagens aéreas para palestrantes convidados.

A aula inaugural, proferida pelo professor da PUC/SP, José Reinaldo de Lima, lembrou os 60 anos da Lei Universal dos Direitos Humanos, assinada pelo Brasil em 10 de dezembro de 1948. Embora o tema não seja novo, Domingos comenta que até hoje são raros os cursos de Direito brasileiros que ofereçam disciplinas específicas nessa área. Segundo ele, isso ocorre devido a um perfil preferencial para o direito privado. Esta e outras razões contribuíram para que surgisse dentro do Ministério Público Federal a idéia da criação do curso de especialização, por haver consenso quanto à necessidade de uma capacitação em direitos humanos.

As aulas foram desenvolvidas no prédio da Faculdade do Ministério Público em encontros quinzenais, sempre nas sextas à noite e aos sábados pela manhã. Também houve a modalidade de aulas abertas no auditório da Faculdade de Direito da UFRGS com especialistas de fora do estado. Leonor Maria Cantera Espinosa, da Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha), falou em sua aula aberta a respeito da violência de gênero. Em seus estudos no departamento de Psicologia Social, ela se ocupa com a questão de casais homossexuais e a violência doméstica.

Outro palestrante foi o catedrático de Sociologia Jurídica da Universidade de Zaragoza (Espanha), Manuel Calvo García. Ele discorreu sobre o papel dos direitos humanos na atualidade. Também de Zaragoza, participou a professora Tereza Piconto, abordando a proteção e efetivação dos direitos da infância. O professor da USP, André Ramos, falou a respeito da proteção internacional dos direitos humanos.

Embora não esteja prevista uma segunda edição do curso, devido à falta de verbas, Domingos espera que, até a formatura da primeira turma, a situação mude e seja possível dar continuidade ao projeto do Ministério Público Federal. O professor tem planos de alocar verbas através do curso para a aquisição de bibliografia específica a ser doada à Faculdade de Direito da UFRGS.



Leni Dornelles (à esq.) foi uma das entrevistadas de Giancarla Brunetto no programa veiculado pela Rádio da Universidade

FLAVIO DUTRA / PROJETO CONTRATO

Curso inspirou programa na Rádio da Universidade

A produtora cultural da Central de Produções da Faculdade de Educação da UFRGS (Faced), Giancarla Brunetto, é uma das alunas do curso de especialização em Direitos Humanos. Segundo ela, metade das vagas era destinada a egressos de cursos de Direito e o restante a profissionais de outras áreas das ciências humanas. Essa seleção permitiu a formação de uma turma com enfoques variados dentro da mesma temática, o que tornou os debates mais ricos, criando elos que já resultaram em ações que garantem a continuidade da discussão dos direitos humanos, mesmo depois do término da especialização. “União de vontades e trajetórias”, é como Giancarla define o nascimento da Liga dos Direitos Humanos, que teve como membros fundadores os 63 alunos do curso.

De acordo com ela, a criação do projeto “Liga dos Direitos Hum-

anos”, sob sua coordenação, busca desenvolver atividades interdisciplinares e transdisciplinares, congregando e divulgando pesquisas e ações para promover e difundir os direitos humanos. Criada em julho de 2007, a Liga já realiza algumas atividades como o Programa de Direitos Humanos na Rádio da Universidade (ZYK 280, 1080 kHz AM), que vai ao ar todas às segundas-feiras, às 10h5min. Também são organizadas aulas abertas mensais, geralmente ministradas ao ar livre, nos quais palestrantes convidados apresentam temas atuais ou polêmicos. São oferecidos, ainda, os *Cinedebates*, coordenados por Gárdia Rodrigues da Silva, graduada em Direito e membro da Liga.

“Aquilo que vemos tem tanta importância quanto o que ouvimos ou vemos”, argumenta Gárdia, ao comentar a importância de discutir os possíveis significados produzidos no cinema com relação aos direitos hu-

manos. Além dos *Cinedebates*, que ocorrem na última semana de cada mês na Sala da Redenção da UFRGS, Gárdia participa do programa radiofônico fazendo comentários sobre cinema e direitos humanos. “São comentários de obras ficcionais e não ficcionais, brasileiras e internacionais.” Para acompanhar a programação de todas as atividades da Liga basta acessar a página www.ufrgs.br/faced/direitoshumanos/default.html.

Apesar do pouco tempo de existência, os integrantes do projeto já puderam constatar alguns preconceitos com relação a certos temas, como o sistema prisional e os encarcerados. Isso ficou evidente pela pouca presença no *Cinedebates* de dezembro, realizado na Faculdade de Educação, quando foi apresentado o filme *Prisioneiro da grade de ferro*, documentário dirigido por Paulo Sacramento em 2003. A produção relata o que ocorreu um ano

antes da desativação da Casa de Detenção do Carandiru (2002), quando detentos aprenderam a usar câmeras de vídeo, documentando o dia-a-dia do maior presídio latino-americano. “Ninguém quer discutir sistema prisional”, reforça.

Giancarla acredita que, para reverter esse contexto preconceituoso em que a sociedade evita olhar para si mesma e para suas mazelas históricas, é necessário difundir uma cultura de direitos humanos: “Precisamos mostrar que existem caminhos de respeito às diferenças para buscarmos construir valores que formem pessoas melhores em uma sociedade mais fraterna”. Longe de ser uma utopia, para a produtora cultural esse é um objetivo plenamente alcançável: “Nesse contexto, o que fazemos pelos outros estamos fazendo por nós mesmos e pelas próximas gerações”.

Memória Trechos de entrevistas do programa Liga dos Direitos Humanos

Programa transmitido em 10/12/07
ENTREVISTADO: Dr. Diego

Rodríguez-Pinzón (Juiz *Ad Hoc* da Corte Interamericana de Direitos Humanos/OEA; co-diretor da Academy on Human Rights and Humanitarian Law - American University, Washington College of Law)

Sobre a COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS:

“A Comissão desenvolve uma série de ações em matéria de promoção, educação e divulgação de direitos humanos. Tem sido um dos órgãos mais importantes de proteção dos direitos humanos no mundo, no sentido de que suas atividades são emblemáticas na forma como um órgão internacional pode desenvolver tarefas que têm um impacto real na proteção dos direitos das pessoas”.

Programa transmitido em 24/12/07
ENTREVISTADA: Drª Cerys Tramontini

(Advogada, membro do Instituto de Desenvolvimento e Direitos Humanos de Santa Catarina) Sobre as VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS NO TIBETE:

“A luta do Dalai Lama é com relação aos direitos humanos, pois os tibetanos estão sendo massacrados há mais de sessenta anos. No Tibete há torturas, choques elétricos, as monjas foram abusadas sexualmente. Muitas mães que ainda estão no Tibete doam seus filhos aos coiotes para fazerem a travessia na neve. Não sabem se seus filhos irão sobreviver. Elas só esperam. É o maior exemplo de compaixão”.

Programa transmitido em 31/12/07
ENTREVISTADO: Dr. Jorge Manuel Adão (Professor universitário IESA/DF, doutor em Educação pela UFRGS)

Sobre as AÇÕES AFIRMATIVAS NO BRASIL:

“A implementação dessas políticas afirmativas ajudam numa equidade, porque a igualdade formal não dá conta e não é preventiva. Essas políticas públicas tratam de forma diferente os diferentes, os que possuem uma trajetória histórica diferenciada, por isso o nome de políticas reparatórias. Um dos problemas da escola pública hoje é que nós oferecemos uma educação pobre para pobres”.

Programa transmitido em 03/03/08
ENTREVISTADO: Dr. Jair Krischke (fundador, ex-presidente e atual conselheiro do Movimento de Justiça e Direitos Humanos) Sobre a ATUAÇÃO DO MJDH DURANTE A DITADURA MILITAR: “Frente à realidade de 64, com o golpe

militar, nós nos vimos forçados a tirar pessoas do Brasil e levar para o exílio. Em 68, com o golpe dentro do golpe, o AI 5, atuamos fortemente em meio a essa onda furiosa de repressão. Outra atividade foi organizar o nosso povo simples, humilde, no local onde vivia, na favela. Nossas equipes organizavam as associações de moradores, mostrando a eles que através da organização eles poderiam conquistar aquilo de que careciam: transporte, água, escola, luz, o que é básico para o ser humano. Durante esses anos, nós ajudamos a criar 132 associações de bairro em Porto Alegre e na grande Porto Alegre, para que eles tivessem essa experiência concreta de que unidos e organizados seriam capazes de conquistar. Uma pedagogia do exercício legítimo de cidadania”.

Especial

História da Ciência
Pesquisadores reafirmam
o legado de Darwin para
a academia e discutem
sua racionalidade



Todos somos fruto da EVOLUÇÃO

TEXTO **CAROLINE DA SILVA**

Em 2009, SERÁ CELEBRADO O “Ano de Darwin”. Entre as comemorações, estão o bicentenário de seu nascimento e os 150 anos da obra *A Origem das Espécies*, que marcou a Ciência desde sua publicação em 1859.

O naturalista inglês Charles Robert Darwin (1809-1882), é considerado o “pai da teoria da evolução”. Entre os escritos decorrentes das observações realizadas a bordo do navio *Beagle*, ele desenvolveu a teoria da seleção natural como mecanismo da evolução. Essa odisséia durou quatro anos e nove meses, com duas passagens pelo Brasil, onde Darwin ficou fascinado pela diversidade de animais invertebrados e chocado com a escravidão.

Com apenas 22 anos, embarcou no veleiro da marinha inglesa que tinha como objetivo cartografar o Hemisfério Sul. Graças a essa viagem, o jovem descobriu que todos os seres vivos podem ter sua linhagem ancestral traçada até a origem da vida na Terra. Isso colocou em xeque as velhas crenças religiosas vigentes à época, segundo as quais tudo o que existia na natureza era obra exclusiva de Deus.

Para Aldo Mellender de Araújo, professor do Departamento de Genética da UFRGS, “quando Darwin escreveu *A Origem das Espécies* imaginou que a evolução era a relação ancestral/descendente de todos os organismos do planeta”. Para explicar essas relações no tempo, elegeu como mecanismo o conceito de seleção natural, princípio que remove da população todas as variações desvantajosas e deixa as vantajosas. “Numa população, de qualquer organismo, se existe variação, é bem possível que haja sele-

ção natural associada a essa variabilidade”. Aldo acrescenta que hoje, com o neodarwinismo, a idéia de seleção natural abrange outras questões.

Neodarwinismo – “O que se ensina hoje nos cursos de Biologia é baseado remotamente nas idéias de Darwin e mais recentemente no neodarwinismo, o qual, em alguns pontos, distancia-se bastante das idéias do naturalista.” A frase é de Anna Carolina Regner, filósofa e professora aposentada da UFRGS, que defendeu tese de doutorado baseada no pensamento do cientista inglês. Ela comenta que, do ponto de vista epistemológico, a leitura direta de Charles Darwin é muito mais rica do que suas mediações do século XX.

O geneticista Aldo Araújo diz que o novo darwinismo é uma retomada dos princípios do naturalista com uma abordagem genética, área desconhecida quando a teoria da evolução foi lançada: “é a síntese entre o darwinismo clássico e a genética”.

As descobertas de Darwin datam da metade do século XIX. No século seguinte, um grupo de pesquisadores partiu de suas idéias, encontrando novos resultados vinculados à teoria da evolução e da seleção natural. Esse grupo foi chamado de neodarwinista. No entanto, “nenhum desses novos achados foi capaz de rejeitar o que Darwin descobriu”, acrescenta Thales de Freitas, professor de evolução biológica da UFRGS.

Evolucionismo x criacionismo – O criacionismo é uma escola forte em algumas nações, mas sem tradição no



“Não vejo nenhum motivo para que as idéias expostas neste livro choquem as crenças religiosas de quem quer que seja.”
Charles R. Darwin,
em *A Origem das Espécies*

Brasil. Para os crentes de que um ente supremo e dotado de inteligência criou todos os seres vivos da forma como são, não houve evolução e todas as espécies se mantiveram inalteradas desde a criação.

Um grupo norte-americano de partidários do criacionismo defende a idéia do “design inteligente”, que aceita a teoria evolutiva, mas considera que os fundamentos da base biológica, por exemplo toda a maquinaria bioquímica de uma célula, foram planejados por alguém. “É uma versão criacionista da evolução”, define o professor Aldo.

Há uma corrente que acredita que Deus criou as leis gerais do universo, dentre elas a da organização da vida e, depois, deixou o barco correr. “Uma visão um tanto ingênua”, diz o geneticista. Outros crêem que a vida surgiu espontaneamente, mas a gênese da espécie humana teria sido responsabilidade divina. “É como se todo o resto da evolução estivesse se preparando para o surgimento dos humanos. Essa é mais uma idéia poética ou mágica, de que houve todo um preparo para o surgimento da melhor espécie, capaz de reconhecer em tudo aquilo a obra de Deus.” O professor lembra ainda a existência de alguns cientistas que afirmam estudar a natureza para a glorificação de Deus.

Anna Carolina aponta como principal ponto de conflito entre criacionismo e evolucionismo o sentido menos técnico do primeiro que, à época do naturalista, atribuía a origem de cada espécie a um ato de criação particular por Deus. “Darwin valeu-se disso para atestar a superioridade explicativa de sua teoria, que dava conta de muitas questões relacionadas a fenômenos adaptativos, que o mero apelo a um princípio de harmonia instaurada pelo Criador não conseguia explicar.”

A evolução do pensamento - Integrante do Grupo Interdisciplinar de Filosofia e História das Ciências do Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (ILEA), Aldo Araújo diz que para um cientista é fundamental perguntar quais são os pressupostos filosóficos do conceito utilizado,

assim como conhecer a história de seu próprio campo. “É um sistema de referência: eu sei por onde andei, por onde ando e para onde posso ir. Usamos a experiência do passado para ações do futuro.”

O geneticista também é incisivo ao criticar a noção de que fazer História da Ciência é somente ler as obras do passado. “Trata-se de uma área dura de pesquisa, que no Brasil está se desenvolvendo muito bem. Ela é pesada como qualquer outra.”

Na opinião de Anna Carolina, a flexibilidade da metodologia de Darwin, sua perspicácia quanto à importância da comparação de visões, do uso da imaginação e de recursos como metáforas fazem da leitura de *A Origem das Espécies* uma aula de Filosofia da Ciência digna dos textos mais atuais.

Darwin hoje – Segundo a filósofa, Darwin trouxe contribuições muito inovadoras para a idéia de racionalidade como objeto de investigação da Ciência. “Primeiramente, a teoria darwiniana permite-nos ver uma racionalidade naturalizada, enraizada na natureza do homem como ser natural. Sob esse enfoque, a influência do pensamento darwiniano faz-se sentir nas recentes abordagens da Psicologia, por exemplo.”

Conforme Anna Carolina, a obra do cientista britânico mostra-nos uma ciência flexível em seus métodos e procedimentos, contestando a existência de algo como “o” método científico. “Para o próprio Darwin, os fatos podiam ser vistos de diferentes maneiras em uma teia complexa de razões”, diz a professora.

Darwin revisto pela Genética e pela Filosofia

Professor Aldo Araújo “A natureza é imprevisível a longo prazo”

A natureza é exata? Aldo Mellender de Araújo é enfático ao dizer que não. O professor do Instituto de Biociências da UFRGS ministra as disciplinas de Evolução Biológica e Genética Ecológica, no curso de graduação em Ciências Biológicas, e Genética de Populações e Evolução, Epistemologia e História, no Programa de Pós-graduação em Genética e Biologia Molecular. “Na evolução biológica, existem diversos fenômenos aleatórios que acontecem e mudam o curso da evolução. A natureza é imprevisível a longo prazo.” Ele chama a atenção para um elemento chamado contingência evolutiva, cuja ocorrência altera o curso natural das coisas – como o asteróide que extinguiu os dinossauros.

Jornal da Universidade – As verdades são alternativas?

Aldo Mellender de Araújo – Na realidade não. Existem cientistas para os quais a Ciência é meio dogmática. Mas grande parte deles admite que não há uma verdade absoluta. A Ciência também caminha por conjecturas, refutações, ou seja, o que era verdade ontem, pode não ser hoje. No século XVII, as melhores cabeças achavam que do pedacinho de um pau podre nascia um verme; era a hipótese da geração espontânea da vida.

JU – E a imagem de uma Ciência rigorosa que comprova suas teorias?

AMA – A ideia da Ciência exata e metódica é uma retórica que se usa para vendê-la. Embora seu desenvolvimento seja capaz de detectar erros, não existe método científico infalível. Outro ponto que as novas correntes da Ciência têm levado em conta é a retórica científica, isto é, o quão influente pode ser um determinado cientista a ponto de bloquear o avanço de determinadas áreas. Analisar a história de um determinado ramo da Ciência é estudar de fato o quanto o caráter social daquele momento condicionou determinadas investigações.

JU – O cientista é também um indivíduo sujeito a influências?

AMA – Exatamente. Trabalha-se inclusive com Estudos Culturais da Ciência. Os cientistas em geral não gostam disso, porque eles expõem o que somos de fato como qualquer outra pessoa que ama, odeia, tem inveja. A imagem do cientista é que ele seja neutro, esteja acima disso. Isso é uma mentira. Não sei por que surgiu essa idealização!

JU – Onde tais influências podem ser percebidas?

AMA – O caso dos últimos conhecimentos de Biologia Molecular. É difícil passar isso para uma audiência de não-iniciados, porque a Ciência foi desenvolvendo todo um vocabulário próprio e metodologia que a tornou esotérica. Pessoas leigas só podem ouvir grandes manchetes. E aí entra um pouco de propaganda da Ciência também. Os cientistas são grandes marqueteiros. O projeto Genoma Humano é, até o momento, mais marketing que realidade. Mapeou-se toda a seqüência dos nucleotídeos humanos, para quê? É como aprender algumas palavras em outra língua e não saber as regras de sintaxe, não saber combinar isso para formar frases coerentes. Eles decifraram todo o “código da vida”, mas agora está parado. E isso não ocorre somente com o humano, estamos cheios de projetos de genoma no Brasil, por exemplo de bactérias importantes, que estão guardados porque ninguém sabe o que fazer com aquilo. Foram investidos milhões de dólares advindos do marketing científico. Projetos que tinham muito dinheiro para trabalhar em detrimento de outros que não tiveram apoio por falta de marketing. Agora temos as células-tronco. Na teoria, deverá ser sensacional, mas no momento não se sabe a aplicação. Vai ser importante para a regeneração das células, para quem está paralisado. No presente não dá para utilizá-las, a não



CADINHO ANDRADE

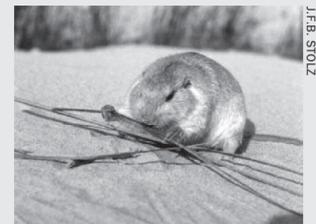
ser em escala experimental muito pequena. Isso faz parte da retórica: as conferências para imprensa só tratam do avanço das técnicas de células-tronco, mas não da praticidade.

JU – Em que outras áreas o darwinismo está presente?

AMA – As emoções humanas têm uma base biológica fortíssima e a psicologia apropria-se disso. Nós todos somos produto da evolução. Isso é interessante, o conhecimento da teoria da evolução nos abre uma perspectiva tremenda.

“A imagem do cientista é que ele seja neutro. Isso é uma mentira. Não sei por que surgiu essa idealização!”

Pesquisa Projeto estuda evolução de roedores



J.F.B. STOLZ

O professor Thales Renato Ochotorena de Freitas, do Departamento de Genética do Instituto de Biociências da UFRGS é um dos ministrantes da disciplina de evolução biológica da graduação. Ele trabalha com assuntos vinculados ao darwinismo em aula e no projeto de pesquisa sobre os tuco-tucos, pequenos mamíferos roedores que habitam as dunas do litoral gaúcho, “que estão em um processo evolutivo bem evidente”.

Há quatro espécies de tuco-tuco no Rio Grande do Sul, no entanto, dentro dessa divisão, ocorrem variações cromossômicas. “É um animal problemático, que está na lista do Ibama de espécies em extinção. As populações no litoral norte estão em declínio, porque o ambiente está sendo degradado. Minha esperança é que, de Cidreira para o sul, as populações tenham uma dinâmica mais ancestral, em um ambiente não muito impactado e funcionando como sempre funcionaram.” O professor explica que, de Tramandaí em direção ao norte, esta dinâmica está bem alterada e pode-se perceber que os animais não têm um comportamento igual ao das áreas não-impactadas. “Normalmente, esses bichos vivem isolados e costumam andar bastante, mas nas áreas impactadas eles não conseguem deslocar-se com a mesma facilidade”, esclarece o biólogo, cuja pesquisa sobre o processo evolutivos dos tuco-tucos pode ser acessada no site www.ufrgs.br/projetotucotuco/projetotucotuco.htm

Estante Indicações de um professor de Genética

Pilares do tempo

Stephen Jay Gould (Rocco, 2002, 188 págs., R\$ 31,50)

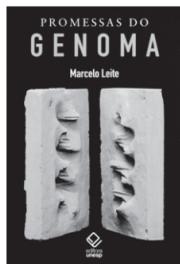


A última obra do famoso paleontólogo já falecido, autor de diversos livros traduzidos para o português, tem como tema central os magistérios não-interferentes.

“Uma coisa é a ciência, outra é a religião; não se pode misturar”, explica o professor de Genética Aldo Mellender de Araújo. Ele esclarece que, dependendo do uso, os campos podem até se complementar: “Mas quando se trata do mundo objetivo, é a ciência e a evolução, teoria científica. Quando se trata do mundo *post mortem* ou enfim, aquele que não é a nossa realidade palpável, pode ser o magistério da religião”.

Promessas do genoma

Marcelo Leite (UNESP, 2007, 248 págs., R\$ 32)



A tese de doutorado em Ciências Sociais de Marcelo Leite aborda o seqüenciamento genético e é direcionado ao público em geral. O jornalista

garantiu seu lugar na comunidade fechada dos geneticistas, tendo sido inclusive convidado a ministrar conferência inaugural em um congresso da área. “É espetacular, ele trata exclusivamente do famoso projeto Genoma Humano. Para os geneticistas, é uma pedrada”, afirma o professor da UFRGS. O colunista da Folha de São Paulo discute a chamada retórica científica, propagada pelo marketing adotado por cientistas.

A caixa-preta de Darwin

Michael Behe (Jorge Zahar, 1997, 304 págs., R\$ 48)



O autor analisa as descobertas de Darwin à luz da bioquímica, sua área de formação. O pesquisador resgata a evolução após diversos avanços recentes da Ciência. A hipótese da ancestralidade comum não é rejeitada, mas a teoria da seleção natural é considerada como um evento biológico por demais complexo. O escritor poderia ser chamado de evolucionista-criacionista, segundo a classificação denotada por Aldo Araújo. Behe aceita os princípios da evolução, mas crê que as regras da vida foram dadas por um ser superior.

hipótese da ancestralidade comum não é rejeitada, mas a teoria da seleção natural é considerada como um evento biológico por demais complexo. O escritor poderia ser chamado de evolucionista-criacionista, segundo a classificação denotada por Aldo Araújo. Behe aceita os princípios da evolução, mas crê que as regras da vida foram dadas por um ser superior.

Gattaca Experiência genética

(EUA, 1997, 112 min.), de Andrew Niccol



O título é uma alusão ao código genético, com as iniciais das bases da cadeia: G de guanina, A de adenina, T de timina e citosina. “Gattaca é um lugar na terra do futuro onde as crianças nascem de tubos de ensaio, sem cópula ou gravidez”, narra Aldo Araújo. O filme mostra um mundo em que os horizontes pessoais e profissionais são pré-determinados pela engenharia genética. Os indivíduos nascidos fora desse sistema são condenados a viver como párias. “É um filme curiosíssimo, uma verdadeira obra-prima que vai contra a ideia de determinismo genético”, completa o professor.

Vida maravilhosa — O acaso na evolução e a natureza da história

Stephen Jay Gould (*Companhia das Letras*, 1990, 392 págs., R\$ 59,50) Explora a evolução pela ótica das contingências, comparando-a a uma fita de vídeo. Quando se passa a primeira vez, é uma história. Depois de rebobinada e assistida novamente, não é mais a mesma. “Haveria tantas contingências que não ocorreram da primeira vez, que o curso da história seria outro. Isso vale também para a história e a cultura humana; e na evolução é muito freqüente.”

A falácia genética — A ideologia do DNA na imprensa

Cláudio Tognoli (*Escrituras*, 2004, 333 págs., R\$ 20) Obra escrita por um jornalista que investiga a genética na mídia. A falácia da imprensa é afirmar que a razão das doenças está somente nos genes, e não nas condições que os alteraram.

Ensaio

Qualquer semelhança não é mera coincidência

Claudia Wasserman*

Fidel Castro no México

Após a fracassada invasão ao Quartel de Moncada, em 1953, Fidel Castro e seus companheiros foram presos. No ano seguinte, fugiram da prisão e buscaram asilo no México, onde formaram o Movimento 26 de julho. Passaram a planejar uma nova invasão, que ocorreu em 1956. No México, os críticos do ditador Fulgêncio Batista conheceram Che Guevara, o médico argentino que, alarmado com a pobreza e desigualdade dos povos latino-americanos, resolveu lutar contra as mazelas do subcontinente. Os exilados cubanos também se uniram a peruanos, guatemaltecos e outros latino-americanos que encontraram asilo no México e a ex-combatentes da Guerra Civil Espanhola que buscaram refúgio fora da Europa, depois da vitória de Francisco Franco. Entre eles, Alberto Bayo, nascido cubano, que lutou na Espanha e treinou os exilados na “guerra de guerrilha”, preconizada por Che Guevara como a forma de luta ideal para combater o exército de Batista. Oitenta e dois combatentes do Movimento 26 de julho partiram do México para fazer a Revolução em Cuba.

Che Guevara na Bolívia

Che Guevara morreu na Bolívia em nove de outubro de 1967. Chegara em La Paz em 1966, disfarçado, usando um nome falso e registrou-se num hotel como uruguaio. Estava a serviço da revolução socialista. Não podia admitir que a implantação do socialismo em Cuba fosse uma vitória isolada, esperava que toda a América Latina fosse libertada do jugo imperialista, a partir da implantação dos “focos” revolucionários. Che foi recebido por Mario Monge, líder do Partido Comunista Boliviano e lutou chefiando os militantes do Exército de Libertação Nacional (ELN). O exército boliviano, financiado pela CIA, perseguiu o grupo liderado por Guevara até a aldeia de La Higuera, onde foi capturado e morto. Embora a fotografia de seu cadáver tenha circulado por toda América Latina, seu corpo desapareceu, sendo encontrado 30 anos mais tarde, numa vala comum na Bolívia, a 50 km do local onde foi executado.

Brasileiros em Cuba

Em duas ocasiões, brasileiros contrários ao regime de Segurança Nacional, implantado a partir de 1964 no Brasil, realizaram treinamento guerrilheiro em Cuba. Em 1965, marinheiros, fuzileiros navais e sargentos, cassados em 1964 e exilados em Montevidéu, partiram para um curso que durou cinco meses em Cuba, no qual tiveram noções básicas de armamento, explosivos, minas, bombas e geografia. Os brasileiros eram recebidos em Cuba como revolucionários de países *hermanos*, que voltariam à terra natal para fazer a revolução. Entre 1967 e 1971, a Aliança Libertadora Nacional (ALN), co-

A INCURSÃO CONSENTIDA OU NÃO DE FORÇAS ARMADAS, DE POLICIAIS OU DE GRUPOS POLÍTICOS LATINO-AMERICANOS EM PAÍSES VIZINHOS NÃO É NOVIDADE. FORAM INÚMERAS AS MOTIVAÇÕES PARA CRUZAR A FRONTEIRA: BUSCA DE ASILO POLÍTICO, REFÚGIO DE CRISES ECONÔMICAS, ACÚMULO DE FORÇAS, TREINAMENTO, BUSCA DE INIMIGOS DO REGIME POLÍTICO, QUESTÕES TERRITORIAIS ETC.

mandada por Carlos Marighella, enviou aproximadamente cem militantes para treinamento em Cuba. Noções de topografia, tiro, exercícios de sobrevivência integravam a rotina dos cursos. Militantes do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8), liderado por Carlos Lamarca, e da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) foram em menor número para receber treinamento na ilha. A maior parte dos militantes brasileiros que treinaram em Cuba não voltaram para o Brasil antes da anistia e entre aqueles que voltaram durante a ditadura, poucos sobreviveram. A repressão procedeu a um verdadeiro massacre, eliminando um a um os defensores da luta armada para resistência à ditadura no Brasil.

Operação Condor

Uma aliança secreta estratégica entre os órgãos de repressão dos países do Cone-sul, notadamente, Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai e Chile, com participação mais discreta da Bolívia, foi batizada de Operação Condor e tinha como objetivo coordenar ações repressivas em toda a região. O Brasil, por exemplo, fornecia informações sobre ações de militantes de toda a região e treinamento para agentes repressivos dos outros países. A morte de políticos de esquerda fora de seu território era comandada pelos órgãos de segurança internos, revelando a rede de informações repressivas na região. Em 1978, agentes do Uruguai foram admitidos no Brasil para perseguir militantes de esquerda. Foi o caso do seqüestro de Lílian Celiberti, Universindo Diaz e os dois filhos do casal. Em novembro de 1978, um comando do exército uruguaio, com a conivência do regime militar brasileiro e da polícia do Rio Grande do Sul, atravessou a fronteira para raptar os uruguaios. A operação foi descoberta e revelada publicamente, impedindo que a família fosse assassinada clandestinamente no Uruguai. Libertados da prisão uruguaia em 1984, Lílian e Universindo contaram detalhes do seqüestro que envolveu órgãos de repressão dos dois países.

Os “Contra” em Honduras

Honduras abrigou durante anos, a partir de 1981, os chamados “Contra” da Nicarágua. Eram grupos paramilitares de oposição ao governo

implantado a partir da Revolução Sandinista de 1979. Formado inicialmente por ex-membros da Guarda Nacional do ditador Anastasio Somoza, os “Contra” ganharam notoriedade por causa do suporte financeiro inicial de dezenove milhões de dólares, oferecido pelo então presidente norte-americano, Ronald Reagan para ajudar a derrubar o governo da Nicarágua.

Nicaraguense na Costa Rica

Éder Pastora, o controvertido “Comandante Zero”, um dos principais líderes sandinistas durante a luta contra o regime do ditador Anastasio Somoza, abandonou o país em abril de 1982, depois de dez meses no cargo de vice-ministro da Defesa. Rumou para a Costa Rica, onde passou a atacar o governo sandinista, apontando a Nicarágua como “base soviética na América Central”. Foi abertamente financiado pela CIA até 1984, quando os governos sandinistas e dos Estados Unidos chegaram a um acordo de paz. Um pouco antes da assinatura do tratado, ocorreu o atentado à bomba contra Pastora, em “La Penca”, Costa Rica, mal explicado até hoje. Supõe-se que a “inteligência” dos Estados Unidos não precisava mais dos seus serviços.

Raúl Reyes no Equador

A presença dos guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionária Colombiana (FARC) no Equador revela mais um capítulo da intermitente incursão nas fronteiras da América Latina. Raúl Reyes, líder da guerrilha marxista que há mais de 40 anos luta contra o governo colombiano, foi caçado na selva equatoriana por forças do exército da Colômbia e assassinado, junto com outros 20 guerrilheiros. O que faziam os guerrilheiros das FARC no Equador? Procuravam refúgio, acumulavam forças, buscavam apoio para seguir lutando contra o governo de Álvaro Uribe, que recebeu nos últimos sete anos, por intermédio do afamado Plano Colômbia, mais de quatro bilhões de dólares dos Estados Unidos para o combate à guerrilha. O governo colombiano acusa a guerrilha de receber trezentos milhões da Venezuela. Supostamente favorável à implantação do socialismo na América Latina, Hugo Chávez apóia as FARC que têm aparentemente o mesmo objetivo, enquanto o governo Uribe é titero dos Estados Unidos, ameaçando o território do país vizinho, o Equador, cujo governo de Rafael Correa também se posiciona à esquerda no espectro político.

Tratar o episódio atual apenas como um caso de violação territorial ou abrigo de criminosos é ignorar que a América Latina ainda é palco de interesses ideologicamente divergentes, tributários do período da Guerra Fria, ressaltando problemas sociais não resolvidos e interferência norte-americana indevida.

* Professora de História - UFRGS



Cuba depois de Fidel

A Revolução Cubana inaugurou aquilo que o sociólogo brasileiro Octávio Ianni chamou de latino-americanização da Guerra Fria. Fidel Castro constituiu-se no mais contundente contraponto ao imperialismo norte-americano, enfrentou bravamente o bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos, mas teve que ceder aos desígnios da URSS. O socialismo europeu sucumbiu a partir de 1989, mas não teve o mesmo destino na ilha caribenha. Fidel foi um dos grandes responsáveis pela manutenção do regime. A repressão não foi o único instrumento de Fidel na permanência dos preceitos revolucionários. A memória da geração que viveu sob o regime de Fulgêncio Batista, quando Cuba era alvo da máfia norte-americana, ainda está viva. A Revolução não foi obra de um só homem e nem se manteve apenas por seu poder de repressão. Depois de mais de 40 anos, Fidel deixa o poder, mas tem muitos companheiros da Sierra Maestra para continuar sua obra e aperfeiçoá-la. Na América Latina, a Guerra Fria não foi apenas uma luta entre socialismo e capitalismo, mas entre o mínimo de dignidade e a desigualdade social profunda, por isso a Revolução Cubana não sucumbe nem diante da Queda do Muro, da Perestroika ou da renúncia de seu líder máximo.



O Rio Grande tem petróleo?

Geologia

UFRGS investiga probabilidade do estado ter reservatórios de óleo e gás

Caroline da Silva

No dia 31 de março, mais de 30 kg de material de pesquisa saíram da UFRGS tendo como destino a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Essa data era o prazo final de entrega para o relatório de um convênio que iniciou em dezembro de 2006. Três grandes caixas foram o resultado do projeto BaPel - Reavaliação dos Sistemas Petrolíferos da Bacia de Pelotas, desenvolvido no Grupo de Estratigrafia Aplicada (GEAp). Seu coordenador, o professor Michael Holz do Instituto de Geociências conta que as descobertas são sigilosas. “As conclusões serão publicadas mais adiante, obedecendo as cláusulas de contrato entre Universidade e ANP, relativas à propriedade intelectual. O conhecimento adquirido é compartilhado entre a UFRGS e o órgão que financiou a pesquisa.”

A Bacia de Pelotas abrange toda a costa gaúcha, desde o Chuí até o sul da Ilha de Florianópolis. A área submarina tem 210 mil km², com extensão maior que o próprio estado. Em 2004, a Petrobras adquiriu um bloco exploratório desta bacia, que garantiu à estatal os direitos de exploração dos espaços até 2012. Até agora, depois de levantamentos sísmicos e perfurações que exigiram investimentos de milhões de reais, não foram encontradas incidências de óleo. “Mas foram realizadas somente 18 sondagens, o que é muito pouco para a área”, comenta Michael Holz, fazendo o contraponto com as mais de duas mil perfurações na Bacia de Campos, no Rio de Janeiro.

A constituição geológica da costa gaúcha tem requisitos favoráveis para a produção de hidrocarbonetos. O professor de estratigrafia e geologia sedimentar acredita que possa haver óleo e principalmente gás no estado, baseando-se nas investigações que sua equipe tem realizado na Bacia de Pelotas.

Formação geológica – A sedimentação (acúmulo de sedimentos na área marinha) é um dos elementos-chave para a formação do petróleo. Isso o Rio Grande do Sul tem. Além do acúmulo de matéria orgânica, são também necessárias as condições de preservação e de decomposição da matéria orgânica. “A região oceânica de nosso estado não é muito favorável ao desenvolvimento de massa de plâncton, os elementos que constituem a matéria orgânica presente na água oceânica e que ao morrerem e se acumularem no fundo marinho vão ser a fonte da matéria orgânica para o petróleo”. Quem explica as características do litoral gaúcho é o pesquisador do Centro de Estudos de Geologia Costeira e Oceânica (Ceco), Elírio Toldo Júnior.

O petróleo é gerado a partir de matéria orgânica de diversas origens. Uma bacia sedimentar é uma grande depressão gradualmente preenchida por sedimentos (lama/areia/cascalho). “A primeira coisa que uma ba-



Condução de pesquisa no mar e na Lagoa dos Patos sobre a sedimentação nos últimos 500 mil anos

cia petrolífera tem que ter é a rocha geradora”, diz Michael Holz.

A rocha onde o petróleo é gerado deve estar em uma profundidade adequada (na faixa de 3 km), atingindo idealmente temperaturas da ordem 100° C. “Se a matéria orgânica correta estiver contida naquela rocha geradora, efetivamente vai gerar óleo ou gás.” O professor do Departamento de Paleontologia e Estratigrafia conta que o óleo ou gás sai da rocha geradora e migra até encontrar uma rocha reservatório. Esta funciona como uma esponja que absorve o material. Para conter o hidrocarboneto nessa “esponja”, há ainda a necessidade de um “selo”, como o geólogo de petróleo chama a rocha que cobre a “esponja”, evitando que o óleo saia dela e se perca. “Sintetizando, na prospecção para petróleo buscamos uma trindade composta por rocha geradora, rocha reservatório e rocha selante, também chamada de *trap*”, afirma Holz.

Potencialidade – Segundo o geólogo, para a produção dos três tipos de rocha necessários para o sistema petrolífero, tem de haver uma associação específica de eventos e ambientes de sedimentação. Por isso a importância dos estudos de estratigrafia, uma vez que é ela quem investiga a gênese e a sucessão das rochas sedimentares.

“Em linhas gerais, a nossa costa tem todos os indicadores; efetivamente, não há como comprovar o quanto a Bacia de Pelotas tem de petróleo”, pondera Elírio Toldo Jr. O pesquisador do Ceco também admite a possibilidade de se concluir mais adiante que a bacia não tem petróleo; no entanto, acredita num resultado positivo. A justificativa está no fato da bacia gaúcha ter três grandes fornecedores de sedimentos necessários para a formação das rochas geradoras e reservatório de petróleo: os rios da Prata, Jacuí e Camaquã. A circulação oceânica profunda também foi um componente importante na evolução

da sedimentação no interior da bacia, gerando locais preferenciais de acúmulo dos sedimentos para a formação da rocha geradora. Estes locais ainda não foram perfurados.

Michael Holz reforça: “O que nosso estudo faz é dar indícios de locais favoráveis, identificando possíveis profundidades de ocorrência de hidrocarbonetos. Para comprovar a efetiva existência de óleo ou gás, só perfurando”.

Sísmica – O levantamento geofísico para obter os indicadores do tipo de rocha e da estrutura geológica tem um método sísmico de investigação com propagação de ondas no substrato marinho. Navega-se no mar usando equipamentos que emitem uma onda acústica que penetra na área submarina, como se fosse uma “ecografia da bacia”, simplifica o professor Elírio. Ela vai mostrar onde há “vales”, uma estrutura derivada do movimento da crosta terrestre que pode gerar “armadilhas” para armazenar o óleo. “Mas para saber se é uma armadilha promissora, só perfurando”, afirma o pesquisador.

Quem trabalha com os estudos de sísmica no Instituto de Geociências é o professor Iran Corrêa. O também pesquisador do Ceco conta que a maioria dos trabalhos realizados pelo centro utiliza ondas de 12 KHz, que têm penetração de 30 a 40 metros: “O que fazemos é caracterizar os primeiros 20m de camada sedimentar e avaliar o que encontramos”.

Iran Corrêa discorre sobre a dificuldade de efetuar pesquisas com equipamentos de sísmica, em termos econômicos, inclusive. Fora a viabilidade do processo, que depende do empréstimo de navios da Marinha. Ele não acredita na existência de petróleo na Bacia de Pelotas. Em sua opinião, pode haver somente gás, o óleo deve ter migrado para outros depocentros, como a Bacia de Santos. “No meu ponto de vista, a Bacia de Pelotas tem condição de ser formadora de óleo. Mas calculo que ela não tenha os *traps* para armazená-lo.”

Convênio ANP Conhecimento compartilhado

O uso futuro do relatório da pesquisa financiada pelo convênio entre o Instituto de Geociências e a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis depende das políticas internas da ANP. “O gerente da agência recebe o material e faz a avaliação. Será então marcada uma audiência pública para a apresentação da pesquisa, provavelmente para maio”, explica o coordenador do projeto de Reavaliação dos Sistemas Petrolíferos da Bacia de Pelotas (BaPel), Michael Holz.

Para garantir o sigilo dos procedimentos de pesquisa, os estudantes de pós-graduação envolvidos no projeto assinaram um documento de confidencialidade. Holz acrescenta que há cláusulas no contrato entre a Universidade e a agência que protegem o direito da UFRGS e frisa não se tratar de uma mera prestação de serviço. “Estamos formando recursos humanos e equipando o Instituto”, diz o pesquisador. Com a verba do projeto foram comprados materiais para salas de aula, computadores e equipamentos de campo como GPS e câmeras fotográficas, beneficiando estudantes e docentes do curso de Geologia.

Ele admite que o interesse do contratante é muito grande, mas enumera as vantagens para a UFRGS: “Toda a estrutura montada com o dinheiro advindo do projeto fica na Universidade; isso sem mencionar os doutorados e mestrados de alto nível que são fomentados com esse tipo de atividade”.

O professor reconhece nessa iniciativa conjunta sua função de docente universitário. “Vou dar um exemplo: os softwares usados para as interpretações geológicas da Bacia de Pelotas são muito caros, assim como as estações de trabalho – tudo na faixa de dezenas de milhares de reais. Apoios das empresas, como nós tivemos da ANP e da Schlumberger, são fundamentais, porque é esse o tipo de softwa-

re e de equipamento que o geólogo de petróleo precisa saber usar para ser um profissional competente e atualizado. É um valor alto de investimento, mas gerações de futuros geólogos serão beneficiados por ele. O geólogo da UFRGS vai sair com a melhor formação, esse é o meu papel como professor”.

Este projeto acadêmico trouxe reconhecimento e visibilidade para a Universidade, tendo cobertura da imprensa no início e certamente com mais repercussão na divulgação dos resultados. Holz conta que o contrato foi realizado via Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAURGS) dentro de um processo muito criterioso. “Comparando com que se vê por aí, a FAURGS é correta até demais”, brinca o pesquisador, mostrando contas e comprovantes em cima de sua mesa. E emenda: “A nossa fundação de apoio é exemplar no tocante aos contratos, sua execução e fiscalização”.

“A ANP está investigando bacias Brasil a fora”, afirma Michael Holz. O professor do Instituto de Geociências diz que este convênio faz parte de um programa que a agência desenvolve em todo país, buscando contratar pessoal qualificado para o serviço, por isso estabelece convênios com as melhores universidades brasileiras. “Para investigar a bacia que compreende os estados do RS e SC a escolhida foi a nossa Universidade, mas participam deste programa também a UFBA, a UNESP, a UFRJ e a UFRN”.

A investigação estratigráfica da Bacia de Pelotas é importante por estar relacionada com um setor de grande interesse econômico. A própria governadora gaúcha esteve reunida com o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, no início do ano, pela probabilidade do estado ter esses recursos naturais. Para Yeda Crusius, os royalties da exploração petrolífera seriam fundamentais para sanar a dívida estadual.



Literatura vira motivo de festa

Festivais *Eventos reunindo escritores e poetas marcaram a semana de aniversário de Porto Alegre*

Marcelo Spalding

“Aqueles barracas simples com seus homens de terno escuro, aqueles livros empilhados ao alcance das mãos pareciam sempre ter estado ali, na praça do Cinema Imperial, do Guarani, da Farmácia Carvalho. O jovem repórter gosta da paisagem, caminha devagar, sob a sombra dos jacarandás. A barraca da Cia. Editora Nacional anuncia biografia de Monteiro Lobato. Ele vasculha as caixas de saldo, encontra uma edição em brochura das tragédias de Ibsen, senta-se num banco para examinar os seis volumes, nem imagina que teriam lugar de destaque em sua biblioteca 50 anos depois.”

A história acima, de Walter Galvani, foi publicada na edição de novembro de 2005 do *Jornal da Universidade* e representa, de certa forma, o que foi o surgimento da Feira do Livro de Porto Alegre, iniciativa que aproximou o livro das pessoas e se consolidou como uma das únicas formas de levar a literatura para a capa dos jornais e o bolicho da esquina. Hoje, mais de 50 anos depois, há outros eventos midiáticos como a Jornada de Passo Fundo e o prêmio Açorianos de literatura, mas talvez nunca como nesse começo de 2008 a literatura fez tanto esforço para ocupar os espaços dos rádios, jornais e TVs.

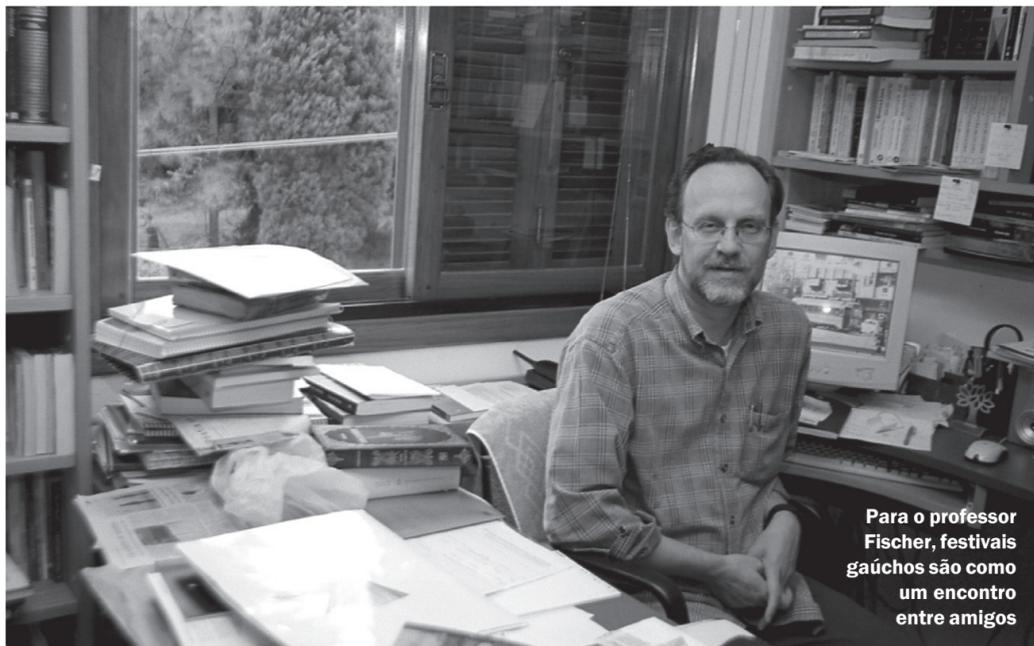
Estou me referindo a dois eventos que, no final de março, dividiram a atenção com a tradicional Semana de Porto Alegre: o *FestiPOA – Festival Literário de Porto Alegre*, e o *Porto Alegre dá Poesia*, ambos realizados

por artistas e para os artistas.

O *Porto Alegre dá Poesia* é organizado por um grupo de poetas locais que, ano passado, já havia feito algum barulho com o *Porto Poesia*. Evento integrado à programação oficial da Semana de Porto Alegre, procurou abrir espaço para as produções gaúchas e popularizar a poesia a partir de palestras, debates, saraus poéticos e leituras de poemas, sempre gratuitos.

Já o *FestiPOA* mostra-se mais ousado ao repetir o modelo da bem-sucedida Festa Literária Internacional de Parati (Flip), que desde 2003 reúne importantes autores nacionais e internacionais na cidade carioca. Sem contar com os patrocínios nem com apoio institucional de governo ou prefeitura, o *FestiPOA* reuniu mais de 50 artistas em lançamentos, sessões de autógrafo, bate-papos, exposição, shows, performances e também alguns convidados de vulto nacional, como Marcelino Freire, pernambucano radicado em São Paulo e vencedor do Prêmio Jabuti por *Contos Negreiros*.

Formação de leitores – Fernando Ramos, organizador do *FestiPOA* e editor do *Jornal Vaia*, acredita que eventos como esse despertam curiosidade acerca de novos nomes, ajudando, de certa forma, a formar leitores e avançar a carreira de escritores locais. Já Sidnei Schneider, um dos organizadores do *Porto Alegre dá Poesia*, considera que não há evento ou mídia que façam um poeta, ainda que alguém possa acreditar nisso: “nosso encontro atrai um pú-



Para o professor Fischer, festivais gaúchos são como um encontro entre amigos

Luís Augusto Fischer “Tem gente que quase vive da renda desses circuitos paralelos à venda de livros”

Luís Augusto Fischer, professor do Instituto de Letras da UFRGS, escritor e participante do *FestiPOA*, analisa a importância de eventos como este:

JU – A literatura virou motivo de festa?

Fischer – Talvez sim, em certo sentido. Tem bastante festival, feira, eventos. De uns dez anos pra cá isso cresceu de proporção, tem gente que quase vive da renda desses circuitos paralelos à venda dos livros.

JU – O senhor conhece a Festa de Parati? Dá para dizer que a Festa de Porto Alegre tem a de Parati como modelo?

Fischer – Só conheço de imprensa, e não gosto. Acho que não tem nada que ver, a começar pela proporção. Parati é *jet-set*, e aqui a coisa rolou mais como parceria entre amigos.

JU – Eventos como esses colocam a literatura na capa dos jornais. Você vê isso como algo positivo?

Fischer – Sim, pela divulgação.

JU – De que forma a Universidade participa ou poderia participar desses movimentos de popularização da literatura?

Fischer – Várias, a começar pela oferta de cursos abertos de literatura.

JU – Algum plano que possa revelar para este ano?

Fischer – Tem um livro de ensaios sobre Machado de Assis, com um ensaio que me parece bem digno comparando Machado com Borges. Vamos ver se rola.

blico interessado e pouco assistido em termos de eventos de poesia, forma um leitor que não é um leitor qualquer, mas com visão crítica da realidade e da literatura, e com uma perspectiva humanizada. Quanto aos autores, poeta não tem alavanca nem carreira: tem é obra”.

Sobre a coincidência de datas, Schneider é enfático: “faço parte da organização de um e fui convidado para participar do outro, e acho que não passou pela cabeça de ninguém alterar as datas, por acaso coincidentes em alguns dias. Nosso empenho se orienta para dar vazio a esse gênero tão pouco valorizado pelos meios de comunicação e pelo poder público. É um serviço de utilidade pública mostrar que a poesia

tem o seu espaço”.

Os escritores, em geral, aplaudem a iniciativa. Marô Barbieri, ex-presidente da Associação Gaúcha de Escritores, acredita que a efervescência de festas literárias é resultado de políticas como a Feira do Livro e do interesse das pessoas por literatura e, ainda, porque “cansados de reclamar, resolvemos todos abandonar a omissão e mostrar que, juntos, podemos promover a arte da palavra sem esperar por interesses que não existem e por auxílios que quase nunca chegam”.

Para se ter uma noção de como esse tipo de iniciativa tem efeito capilar e espalha-se por cidades, bairros e escolas, Cachoeirinha, também na última quinzena de março, promoveu

sua Semana da Poesia, atividade que resultou em saraus em escolas, bares e associações de bairro.

Evidentemente, promoções como essas, sozinhas, não farão as pessoas lerem mais nem melhor, mas têm o mérito de aproximar a literatura do público de massa. Num tempo de tantas mídias e tantas ofertas midiáticas, torna-se fundamental para a literatura enquanto instituição reinventar-se e ocupar espaços, o que transforma escritores em celebridades e, contrário senso, pode acabar premiando autores simpáticos e bem-relacionados em detrimento de bons textos. Mas tudo parte da lógica do mercado livre, em que não basta se expressar, é preciso se renovar e, acima de tudo, se mostrar.

JU indica



A Dança dos Deuses – Futebol, Sociedade, Cultura

de Hilário Franco Júnior, Companhia das Letras, 2007, 433 págs., R\$ 54 (valor médio)

Hilário Franco Júnior é um dos mais talentosos historiadores do Brasil. Discípulo do medievalista Jacques Le Goff, compartilha com o mestre a área de especialização e a crença de que a História faz-se de toda atividade humana. Essa convicção, aliada à integração com as Ciências Sociais no estudo da disciplina, desencadeou o movimento historiográfico da Escola dos Annales, ou Nova História, nascido da união dos historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch na revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, em 1929, da qual Le Goff é expoente. Com esta ótica, Franco Júnior foca nosso maior patrimônio nacional, o futebol. A *Dança dos Deuses – Futebol, Sociedade, Cultura* se materializou a partir do curso de pós-graduação ministrado pelo

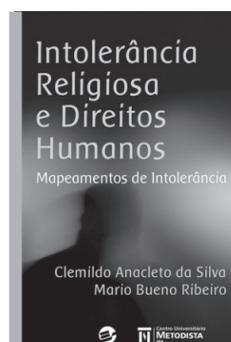
autor e Flávio de Campos na USP. Fiel à interpretação histórica dos *Annales*, Franco Júnior invoca a História, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia e a Linguística para explicar o fascínio do esporte das multidões. O livro mostra-se um tanto retraído pela linguagem, mas todo o cuidado – e mesmo o texto mais “engessado” –, não tira o brilho da exposição e a astúcia do pensamento. Um belíssimo emaranhado de informações resulta na constatação clara que o futebol e todo o seu contexto é produto cultural da sociedade que o pratica. Isso explica os diferentes sistemas de jogo, envolvimento emocional etc. Por seu alcance, *A Dança dos Deuses* já está inscrito entre as obras definitivas sobre o jogo que, segundo o autor, é a mais perfeita “metáfora do mundo e da vida”. (Juliano Bruni Pereira)



Capítulos da Guerra Fria: o anticomunismo brasileiro sob o olhar norte-americano

de Carla Simone Rodeghero, Editora da UFRGS, 2007, 269 págs., R\$ 35 (valor médio)

Brasil, 1945 e 1964. Enquanto campanhas anticomunistas assolavam o país, diplomatas norte-americanos faziam vastos relatórios avaliando tais movimentos. A autora não se limita a analisar esses documentos, mas discute as formas pelas quais os norte-americanos contribuíram para essas campanhas, mostrando como, no contexto da Guerra Fria, as práticas anticomunistas domésticas dos Estados Unidos influenciavam nas leituras sobre as práticas brasileiras e as tentativas de torná-las mais eficientes. A obra de Carla Simone Rodeghero é parte de sua tese de doutorado *Memórias e avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*, defendida em 2002. À venda nas Livrarias Zouk, nos campi Centro e do Vale. (Jacira Cabral da Silveira)



Intolerância Religiosa e Direitos Humanos

de Clemildo Anacleto da Silva e Mario Bueno Ribeiro, Editora Sulina, 2007, 176 págs., R\$ 26 (valor médio)

A obra procura analisar os motivos e as ações de intolerância, presentes no discurso religioso em contraposição aos documentos relacionados aos Direitos Humanos. Apesar da gênese comum entre religiões como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo – a existência de uma divindade comum, representada por nomes diferentes – a afirmação da universalidade e da verdade revelada de cada uma delas provoca sentimentos de intolerância, tanto entre as religiões quanto contra outros grupos que expressam sua espiritualidade de forma diferente. Ao longo do texto, os autores fazem um mapeamento da intolerância a partir de reportagens e reflexões sobre o tema, com base no histórico dos conflitos religiosos ocorridos no Brasil. (Jacira Cabral da Silveira)



Cem anos mais novo

Trajectoria marcada por lutas



Círio Simon e a fotografia de Olympio Olinto de Oliveira, primeiro diretor da instituição

História Instituto de Artes comemora centenário buscando aliar ensino clássico ao contemporâneo

Recitais, seminários, espetáculos teatrais e exposições irão colorir 2008 em Porto Alegre. A programação cultural, planejada para terminar somente em abril do próximo ano, faz parte das comemorações do centenário do Instituto de Artes da UFRGS (IA).

Em 22 de abril de 1908, nascia o primeiro Instituto Livre de Belas Artes (ILBA) do Rio Grande do Sul - futuro IA -, instituição que teve em seu conselho central nomes célebres como Getúlio Vargas e Manoel André da Rocha. Após várias tentativas frustradas, o recém-instaurado regime republicano conseguiu trazer para o sul o ensino das artes, que durante o império havia sido concentrado na capital federal e nas escolas do velho mundo.

O ILBA surgiu no momento em que

a capital gaúcha se preparava para assumir a liderança regional. A relação mais próxima com o meio artístico já era há muito esperada pela população. Um artigo publicado no jornal *Correio do Povo* no dia da fundação revela esse sentimento, quando diz que “o Instituto pairava latente na ordem natural das cousas, só a espera que o fiat creador trovejasse do alto, para que ele surgisse de baixo, aparelhado para os seus lúcidos destinos”.

Círio Simon, ex-diretor do órgão e autor de uma tese de doutorado em História sobre as origens do Instituto de Artes da UFRGS, afirma que a criação do ILBA foi um grande avanço para a consolidação da cultura do estado. “A idéia era trazer para Porto Alegre artistas que pudessem residir aqui. A partir da fundação do Instituto, a arte passou a permanecer no Rio Grande do Sul”.

Em 1909, foi criado o Conservatório de Música, que teve como primeiro diretor o pianista e regente Araújo Vianna. No ano seguinte, foi instituída a Escola de Artes Plásticas, que mais tarde abrigaria nomes como Aldo Locatelli e Joseph Lutzenberger. O Departamento de Artes Dramáticas foi anexado somente em 1970, provindo do Departamento de Filosofia.

O ILBA foi uma das primeiras instituições de arte no mundo a se inserir na Universidade. Juntamente com as faculdades de Farmácia, Agrono-

mia, Engenharia, Medicina e Direito, formou a Universidade de Porto Alegre (UPA), em 1934.

O exílio – As contradições entre arte e academia se tornaram evidentes assim que a UPA entrou em funcionamento, em 1936. Segundo Simon, o Instituto oscilava entre o desejo de autonomia e a necessidade de se adequar às burocracias institucionalizadas pelo Estado Novo. “Ao mesmo tempo em que a Universidade proporciona aos alunos uma estrutura sólida de bolsas de estudos e intercâmbios, o artista precisa de liberdade para criar e agir”.

Apesar de mudanças terem sido efetuadas, o ILBA foi desanexado da UPA em 1939, sob a alegação de não ter seus cursos reconhecidos e não possuir sede própria. Apesar disso, em 1941, o Instituto teve seus cursos de Música e Artes Plásticas reconhecidos pelo governo federal. O problema da sede só seria solucionado em 1943, depois que um grupo de professores hipotecou seus próprios bens para cobrir o empréstimo junto ao banco financiador. Cinco tentativas de reaproximação foram feitas, em 1944, 1945, 1948, 1950 e 1951, sem sucesso. Ao todo, foram 23 anos de exílio, sendo que a reanexação definitiva aconteceria somente em 1962.

Como alternativa à antiga UPA, já

então designada Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), cogitou-se a criação de uma Universidade de Belas Artes. A proposta chegou a ganhar um projeto do arquiteto Fernando Corona, que previa a ocupação de toda a esquina superior da rua Senhor dos Passos, mas não saiu do papel.

Outra iniciativa pioneira do Instituto foi a formação do curso de Arquitetura, autorizado a funcionar em 1945. Dois anos depois, iniciou-se o primeiro curso de Urbanismo do Brasil, que teve como paraninfo da primeira turma Oscar Niemeyer.

A criação destes dois cursos foi um ponto nevrálgico nos desentendimentos entre o Belas Artes e a Universidade, já que a Escola de Engenharia também reivindicava para si estas áreas. Mais tarde, com a federalização da URGS em 1952, esses cursos passaram à tutela da Universidade formando a atual Faculdade de Arquitetura.

Durante os 45 anos que se seguiram, desde a anexação definitiva à UFRGS até hoje, o Instituto teve seu corpo docente ampliado. Além de estar sempre atento às modernizações, o IA buscou aprofundar sua presença no meio acadêmico.

Para Círio Simon, um dos maiores desafios do ensino da arte está em subverter a lógica e conjugar as várias tendências, estimulando o aluno a produzir ao invés de reproduzir.

Metamorfose ambulante Um novo IA a cada dia

“A arte muda a cada segundo. Estamos prestando atenção no que acontece para preparar nossos alunos”. É assim que o diretor do Instituto de Artes, Alfredo Nicolaiewsky, define a proposta atual da instituição. Segundo ele, reformulações nos currículos estão em pauta, buscando a fusão entre o clássico e o contemporâneo. Ainda assim, Nicolaiewsky defende: as novas técnicas acrescentam, não substituem. “Procuramos trazer a tecnologia como mais uma possibilidade”.

Novas tecnologias já foram incorporadas como ferramentas de ensino,

buscando o incentivo à inovação. Os alunos das Artes Cênicas, por exemplo, têm a chance de utilizar computadores em suas montagens. Na Música, experimenta-se o som das batidas eletrônicas, e nas Artes Plásticas, a computação gráfica e os laboratórios multimídia.

O IA também participa de um programa nacional de ensino a distância. Em 2007, foi realizada a seleção de tutores para o curso de licenciatura em Música, cujas aulas iniciam no dia 22 deste mês. No segundo semestre, será implantada a licenciatura em Artes Visuais.

O secretário de comunicação do Centro Acadêmico das Artes Visuais, Alejandro Ruiz, acha que falta reconhecimento dentro da própria Universidade. “A estrutura física que temos já não suporta o número de alunos, e o prédio atual nos afasta do restante da UFRGS.”

Para comemorar o centenário, os alunos planejam ações na comunidade. “Vamos levar o IA para a rua, para que a cidade saiba o que se faz aqui”, afirma Ruiz.

Somando-se à atuação no campo prático, o Instituto de Artes é referência também na área acadêmica. Os

programas de mestrado e doutorado em Artes Plásticas e Música têm médias 5 e 6 (de um máximo de 7), respectivamente, segundo a avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Além disso, desde 2007, está em funcionamento o programa de mestrado em Artes Cênicas.

Como afirma Simon, a história do Instituto se renova sempre, gerando novas propostas. “Temos um novo IA a cada dia”.

Débora Gastal, estudante do 7º semestre de Jornalismo da Fabico

1908

Fundado o “Instituto de Belas Artes”, constituído pelo Conservatório de Música e os cursos de Teoria Musical, Solfejo, Canto Coral, Instrumentos, Harmonia e Composição.

1910

Criada a Escola de Artes, com os cursos de Desenho, Pintura e Artes de Aplicação e Desenho Industrial (abaixo, vista geral do ateliê em 1915).



REPRODUÇÕES AGENCIA IA

1934

O Instituto integra a Universidade de Porto Alegre, com os cursos de Música e Artes Plásticas funcionando sob a mesma direção.

1939

O órgão desliga-se da Universidade de Porto Alegre, por falta de reconhecimento federal e ausência de instalações.

1943



Inaugurada a sede da instituição, graças à iniciativa de um grupo de professores (abaixo, a recém-inaugurada biblioteca).

1952



Com a federalização da Universidade, o curso de Arquitetura e Urbanismo ganha status de Faculdade e separa-se do Instituto de Artes (acima, as obras de duplicação do prédio).

1954

O Instituto é incorporado à Universidade, sob protesto do Conselho Universitário. Em decorrência, o diretor conseguiu que a Secretaria de Educação do Estado transformasse o órgão em escola de ensino superior autônoma.

1957

Criado o Curso de Arte Dramática, vinculado à Faculdade de Filosofia. Dez anos depois, o curso transformou-se em Centro de Arte Dramática.

1962

O Instituto é reincorporado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, passando a denominar-se Escola de Artes.

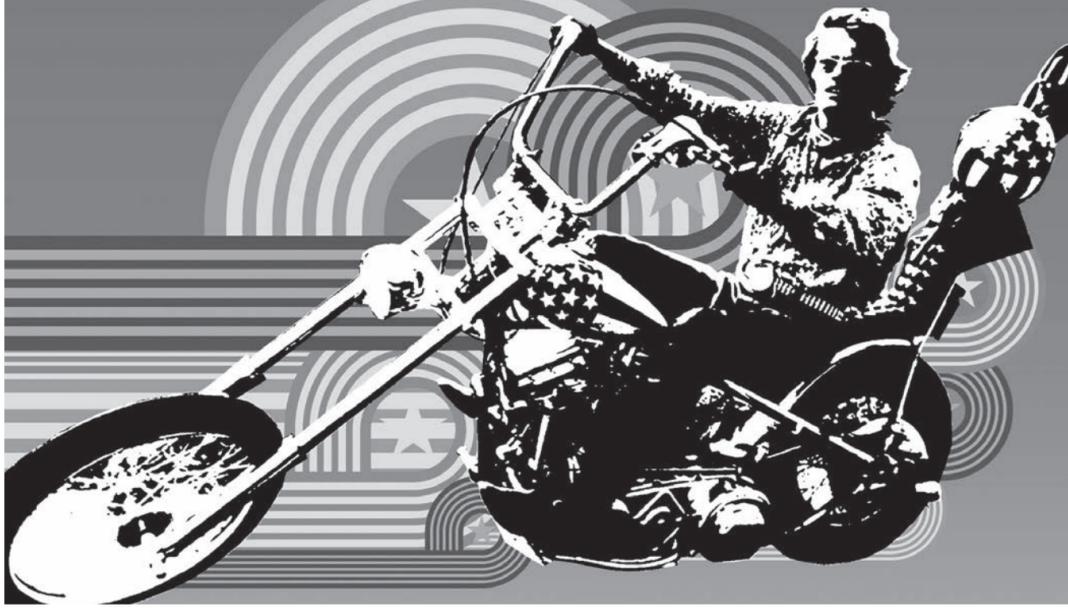
1968

A UFRGS passa por uma reestruturação e o órgão torna-se um dos principais institutos da Universidade.

► **Redação** Ânia Chala | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE

1968



O ano que **jamais terminará**

Ciclo de filmes e debates discute repercussão de um dos principais momentos de contestação do século XX

O Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas está promovendo o ciclo "68: o ano que jamais terminará". A atividade, realizada em parceria com o Museu da UFRGS e a Sala Redenção, utiliza produções cinematográficas para induzir

discussões de caráter histórico, estabelecendo relações entre a produção artística, seu contexto social e sua visão de História. Os filmes selecionados abordam diferentes acontecimentos, contextos e vieses ocorridos no final da década de 1960. Após cada sessão, um professor e um aluno de graduação ou pós-graduação conduzem o debate.

O professor Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, um dos coordenadores da atividade, diz que o ciclo pretende resgatar um período marcado por uma rebeldia extrema, que

inaugurou um novo tipo de demanda social. "Uma frase como 'é proibido proibir', por exemplo, significa muito nesse sentido. Não era mais o movimento operário organizado, ou o movimento estudantil reclamando por reformas no ensino, era algo bem maior. Liberdade entendida no seu sentido mais radical: liberdade sexual, liberdade de amar, de não ir à guerra." Ele ressalta que muitos dos problemas levantados em 1968 continuam sem solução, como as questões da igualdade da mulher e da discriminação racial. "Em algumas áreas

houve até uma regressão com relação à situação concreta que tínhamos naquela época. Por pior que fosse, os países ocidentais haviam alcançado certa cidadania, que hoje está sendo discutida. Jamais imaginei que em pleno Terceiro Milênio ainda fôssemos discutir questões como o aborto ou a disputa entre criacionismo e evolucionismo."

Guazzelli destaca que a seleção dos filmes, escolhidos dentre cerca de 200 películas produzidas sobre o período, foi feita pelos alunos de graduação e pós-graduação envolvi-

dos no projeto. Ele diz que a seleção procurou recuperar o que foi feito no sentido de reprimir essa explosão reivindicatória, como no caso de alguns filmes sobre a ditadura brasileira, já que em dezembro completa-se 40 anos da promulgação do Ato Institucional nº 5. O ciclo teve início em 29 de março e se estenderá até 19 de julho, com sessões aos sábados, às 15h30min, na Sala Redenção. O público pode adquirir ingressos avulsos para as sessões ao custo de R\$ 2. Mais informações no endereço www.1968ufrgs.blogspot.com.

PROGRAMAÇÃO

26/04 - 68 nos EUA - A contracultura e o movimento hippie

Sem Destino (*Easy Rider*, EUA, drama, 1969, 95 min.), de Dennis Hooper. Comentadores: Maria Luiza Martini e Ricardo Fitz

10/05 - 68 na América Latina - O contexto da ditadura brasileira

Pra frente Brasil (*Brasil*, drama, 1983, 105 min.), de Roberto Farias. Comentadores: Adolar Koch e Caroline Silveira Bauer

17/05 - A autocrítica cinematográfica e a questão social

Um convidado bem trapalhão (*The party*, EUA, comédia, 1968, 99 min.), de Blake Edwards.

Comentadores: Carla Brandalise e Taís Campelo Lucas

24/05 - O contexto europeu - A primavera de Praga

A confissão (*L'Aveu*, França, drama, 1970, 139 min.), de Costa-Gavras. Comentadores: Alexandre Andrade e Lélio Valdez

31/05 - O contexto europeu - O cinema e o cenário político europeu

Investigação sobre um cidadão acima de qualquer suspeita (*Indagine su un cittadino al di sopra di ogni sospetto*, Itália, drama, 1970, 114 min.), de Elio Petri. Comentadores: José Rivair Macedo e Rafael Hansen Quinsani

07/06 - Contexto europeu - O elemento surrealista e feminino na cultura dos anos 1960

A bela da tarde (*Belle de jour*, França/Itália, drama, 1967, 100 min.), de Luis Buñuel. Comentadores: Leticia Schneider e José Orestes Beck

14/06 - 68 nos EUA - O submundo e marginalidade nos EUA

Perdidos na noite (*Midnight cowboy*, EUA, drama, 1969, 113 min.), de John Schlesinger. Comentadores: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli e Arthur D'Ávila

21/06 - 68 na América Latina

Vai trabalhar vagabundo (*Brasil*, comédia, 1974, 100

min.), de Hugo Carvana. Comentadores: Cláudia Wasserman e Clarissa Brasil

28/06 - Cenários 'futuros', presentes constantes - A visão catastrófica do futuro

O planeta dos macacos (*Planet of the Apes*, EUA, ficção científica, 1968, 112 min.), de Franklin J. Shaffner. Comentadores: Enrique Serra Padrós e Lucas Monteiro

05/07 - Cenários 'futuros', presentes constantes - A visão psicodélica do futuro

Barbarella (*EUA*, ficção científica, 1968, 98 min.), de Roger Vadim. Comentadores: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli e Charles Sidarta Machado Domingos

12/07 - Cenários 'futuros', presentes constantes - Desenhando um futuro sombrio pelo presente desconcertante

A noite dos mortos vivos (*Night of the living dead*, EUA, horror, 1968, 96 min.), de George Romero. Comentadores: Paulo Roberto Guadagnin e César Augusto Oliveira de Almeida

19/07 - A contestação contemporânea - Contestação, resistência e rebeldia nos dias atuais

The Edukators (*Austria/Alemanha*, drama, 2004, 127 min.), de Hans Weingartner. Comentadores: Enrique Serra Padrós e Gabriela Rodrigues

CINEMA

Mês do cinema brasileiro

Seleção de filmes que celebra a diversidade da produção nacional. Entrada franca

NÓS QUE AQUI ESTAMOS POR VÓS ESPERAMOS (*Brasil*, 1999, 73 min.), de Marcelo Masagão.

A partir de recortes biográficos de pequenos e grandes personagens, o documentário cria uma espécie de filme-memória do século XX, usando somente imagens de arquivo. Sessão: 29 e 30 de abril (terça e quarta-feira) Local e horário: Sala Redenção, às 13h

OLHAR ESTRANGEIRO (*Brasil*, 2006, 70 min.), de Lúcia Murat. Através de depoimentos de diretores, atores e roteiristas estrangeiros, o filme revela diferentes visões sobre o Brasil. Sessão: 28 de abril (segunda-feira) Local e horário: Sala Redenção, às 13h

O CHEIRO DO RALO (*Brasil*, 2007, 112 min.), de Heitor Dhalia. Dono de uma loja de objetos usados desenvolve relação perversa com seus clientes ao explorar aqueles que atravessam dificuldades financeiras. O filme faz uma crônica urbana sobre os limites da dignidade humana. Sessão: 24 e 25 de abril (quinta e sexta-feira) Local e horário: Sala Redenção, às 19h



ÁRIDO MOVIE (*Brasil*, 2006, 115 min.), de Lírio Ferreira. Famoso repórter do tempo, que mora em São Paulo, retorna à sua cidade-natal, no interior nordestino para o enterro do pai, que foi assassinado. Lá ele encontra uma parte desconhecida da família que lhe cobra a vingança da morte do pai. Sessão: 28 e 29 de abril (segunda e terça-feira) Local e horário: Sala Redenção, às 19h

EXPOSIÇÃO

Visões da Terra

Lançamento do catálogo constituído de textos e imagens que documentam a mostra apresentada pelo Museu da UFRGS em parceria com a Copesul. Data: 28 de abril (segunda-feira) Local e horário: Museu da UFRGS, às 19h Entrada franca

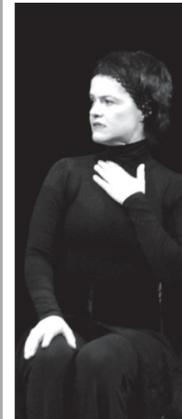
Educação anti-racista no cotidiano escolar

Em seu quinto ano de existência, o programa desenvolvido em parceria com o Departamento de Educação e Desenvolvimento Social apresenta um ciclo de cinema infantil que aborda a diversidade cultural e racial, valorizando estas diferenças e a descoberta de valores de respeito e solidariedade.



HAPPY FEET - O PINGÜIM (*EUA*, 2006, 98 min.), de George Miller. Animação que acompanha os problemas de um pequeno pingüim imperador, que enfrenta dificuldades para ser aceito entre os seus por conta de sua falta de habilidade. Sessões: de 12 a 16 de maio, segunda a sexta-feira Local e horário: Sala Redenção, com exposições às 10h e às 14h, de 12 a 14 de maio; e somente às 10h nos dias 15 e 16 de maio Entrada franca Agendamento de grupos e escolas pelo site www.difusao.cultural.ufrgs.br.

TEATRO



Uma simples aparência

Peça de estréia da edição 2008 do projeto Teatro, Pesquisa e Extensão. Inspirado no texto "O Defunto", do francês Renée de Obaldia, pertencente ao gênero do Teatro do Absurdo, o trabalho tece reflexões sobre solidão e submissão ao mostrar o encontro de duas mulheres, cuja amizade peculiar é repleta de momentos de humor negro. Direção de Cláudia Sachs. Elenco: Áurea Baptista e Lívia Dávalos. Data de apresentação: 30 de abril (quarta-feira) Local e horário: Sala Qorpo Santo, em sessões às 12h30min e às 19h30min Entrada franca

MÚSICA

Série IA/UFRGS: 100 Anos de Música - Orquestras

Concerto da OSPA que integra as atividades em comemoração ao centenário do Instituto de Artes Data: 27 de abril (domingo) Local e horário: Salão de Atos, às 11h Entrada franca

Carmina Burana

Apresentação das Canções Profanas encenadas de Carl Orff, com as professoras da UFRGS Olinda Alessandrini e Cristina Capparelli e a participação do Coral da UFRGS e do Coro Infanto-Juvenil do Projeto Prelúdio da UFRGS. Regência: maestro Manfredo Schmied Data: 27 de abril (domingo) Local e horário: Teatro do Sesi, 19h Ingressos: 8401-0555

Unimúsica: mostra de alunos

Show com três dos projetos selecionados. Em (Re)Verso, o compositor Sandro Souza, acompanhado pelos músicos Samuel Peruzzolo, Lucas Krüger e Heine Wentz no violino, faz uma releitura de modas e milongas através de canções inéditas. O grupo Sexta Brasileira traz um espetáculo em que obras de compositores como Pixinguinha e Tom Jobim têm arranjos concebidos para a formação do quinteto de madeiras. O grupo é formado por Vinicius Prates, Alexandre Rigon, Eliseu Rodrigues, Davi Coelho, Saulo Coelho e Douglas Gutjahr. Encerrando a noite, a banda Carne de Panela mostra canções autorais que transitam por sambas, choros e bossas. A banda é composta por Mathias Pinto, Vinicius Ferrão, Juliano Luz, Lucas Dellazzana, Guilherme Sanches e Jefferson Azevedo. Data: 1º de maio (quinta-feira) Local e horário: Sala II do Salão de Atos, às 19h. Entrada franca

ONDE?

AUDITORIUM TASSO CORRÊA
Rua Senhor dos Passos, 248
Fone: 3308-4318

MUSEU DA UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-3436/4022

SALA REDENÇÃO
Rua Luiz Englert s/nº
Fone: 3308-3390 / 3308-3933

SALÃO DE ATOS E SALA II
Av. Paulo Gama, 110 - térreo
Fone: 3308-3066

SALA QORPO SANTO
Rua Luiz Englert s/nº
Fone: 3308-3080

TEATRO DO SESI
Avenida Assis Brasil, 8.787
Fone: 0800-518555

ESPECIAL

Fronteiras do Pensamento Copesul Braskem

Seminário cujo foco é o debate sobre a arte e a linguagem na cultura contemporânea. As palestras ocorrem às segundas-feiras, às 19h, no Salão de Atos. Os ingressos já estão esgotados.

28 de abril - Christo

e Jeanne-Claude Artistas da Land Art, de origem búlgara. "Empacotaram" o parlamento alemão e realizaram a obra The Gates, no Central Park, provocando uma inovação criativa nas artes visuais contemporâneas. Radicado nos Estados Unidos, o casal é famoso

por criar instalações que "embalam" grandes áreas em diferentes paisagens pelo mundo.

12 de maio - Pedro Juan Gutiérrez Artista visual e escritor cubano, autor da obra Trilogia suja de Havana (O

rei de Havana, O insaciável homem-aranha e O ninho da serpente), Pedro Juan Gutiérrez é reconhecido internacionalmente como um dos escritores mais talentosos da nova narrativa latino-americana. O caixense Fabrício Carpinejar é poeta, jornalista e escritor, filho

dos poetas Maria Carpi e Carlos Nejar. É mestre em Literatura Brasileira pela UFRGS e foi coordenador e idealizador do curso de Formação de Escritores e Agentes Literários, da Unisinos, uma experiência inédita no Brasil.

Meu Lugar na UFRGS



FOTOS: ADRIANA FUGIMOTO / UFRGS TV

A casa do Protásio

Caroline da Silva

O teto já caiu em sua cabeça; mas onde Protásio Antônio Vervloet Paim sente-se em casa dentro da Universidade é no Museu de Paleontologia do Instituto de Geociências. Desde que ingressou na UFRGS, num concurso realizado em 1993, o geólogo sempre integrou o Departamento de Paleontologia e Estratigrafia da instituição. E, há mais de dez anos, é curador do Museu.

Criado em 1945 pelo professor Iraja Damiani Pinto, o Museu de Paleontologia é anterior ao curso de Geologia da Universidade e tem um dos maiores acervos do Sul do Brasil em invertebrados, com muitas peças raras e alguns exemplares únicos – como um crânio de mastodonte. O local, que atualmente está em reforma, deve ser reaberto em setembro.

Protásio narra sua trajetória na Universidade e a relação com o seu lugar em uma sala de apoio na qual estão espalhados diversos exemplares fósseis. Ele conta que o espaço tem uma função didática muito importante, pois recebe visitação desde alunos de pós-graduação até crianças do jardim de infância.

O geólogo responde pela classificação e conservação das peças e também atua nos eventos de divulgação do acervo.

Graduado em Geologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, a relação do técnico administrativo de nível superior com a UFRGS é anterior ao seu vínculo de funcionário. Protásio iniciou um curso de pós-graduação em Geoquímica na Universidade em 1991 – que nunca chegou a concluir, apesar de ter cursado todos os créditos e realizado os trabalhos de campo.

No entanto, ele já mantinha um vínculo histórico e familiar com a Universidade. A família paterna é tradicional em Porto Alegre; seu bisavô – Protásio Alves – é um dos fundadores da Faculdade de Medicina. Seu tio-avô foi professor da mesma faculdade. O primo, também Protásio, era chefe de Urologia no Hospital de Clínicas e hoje, aposentado, continua pesquisando. As primas atuaram no Instituto de Letras e na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. É genro de Donald Schüller, que tem outra filha professora no Departamento de Genética. Cercado por membros da comunidade universitária, o geólogo conclui que seu caminho não poderia ser diferente: “Fui estudar fora da UFRGS, mas acabei aqui porque tinha muitos vínculos”.

Com seu cotidiano ambientado

no Campus do Vale, a rotina do frequentador do RU também compreende, aos finais de tarde, buscar o filho de quatro anos na Brinquedoteca da Universidade. Mostrando apreço pelo trabalho do pai, o menino gosta de catar pedras pelos caminhos do campus.

“Meu canto vai ser sempre o Museu de Paleontologia, mesmo em salas apertadas. É o meu espaço, seja na sala de exposição ou nos ambientes de preparo das peças. Eu amo este museu, gosto de trabalhar e me sinto bem aqui.” Protásio já foi professor universitário em uma instituição privada da região, mas diz que apesar da maior remuneração, escolheu a UFRGS. “Esse universo me dá uma condição de vida fantástica: convivo com várias gerações, desde o calouro até o fundador do curso.”

A peça do Museu de Paleontologia que é o xodó de Protásio Paim é um molusco cefalópode, amonite do período cretáceo (65-100 milhões de anos) da Bacia de Sergipe. O exemplar chegou à UFRGS no ano passado, tanto que ainda nem tem número de catalogação. O geólogo é fascinado pelos moluscos, seres que têm capacidade de aprendizado, como o polvo que é um animal bastante inteligente.



Protásio Paim é curador do Museu de Paleontologia

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET nas terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Perfil As escolhas de Rosinha Carrion

História de vida
Tradição familiar conduziu opção da socióloga pelo estudo da pobreza

Jacira Cabral da Silveira

Ela poderia estar aposentada desde 2001, mas não cogita fazê-lo. A dedicação à docência, à pesquisa e às atividades de extensão, que realiza junto a centros nacionais e internacionais, através do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos sobre o Terceiro Setor, que coordena na UFRGS, certamente explicam por que Rosinha da Silva Machado Carrion prefere manter ativa a vida acadêmica iniciada em 1983, quando assumiu como professora com dedicação exclusiva. Há algum tempo suas questões de pesquisa versam sobre temas como pobreza e desenvolvimento. “Velhos problemas num contexto novo devem ser compreendidos não com ferramentas antigas, pois requerem novas problematizações e novos modelos de análise”, explica.

Graduada em Ciências Sociais em 1972, na UFRGS, Rosinha fez mestrado em Sociologia das Organizações na PUCRS em 1982, realizou a formação de doutorado em Sociologia junto ao *Conservatoire National des Arts et Métiers*, na França, no final dos anos 80, e doutorou-se em Administração na UFRGS, em 1998. Com 18 anos estudou nos Estados Unidos através da bolsa de estudos *American Field Service*, na *Hatboro-Horsham High School*. Essa seria a primeira ruptura para a garota sul-americana, de educação aristocrata. “Convivi com uma sociedade totalmente diferente, com jovens de valores morais muito distintos dos meus, mas que, no entanto, eram boas pessoas”. Experiência essa que direcionaria suas amizades futuras.

Pintar moranguinhos? – A espontaneidade com que Rosinha se comunica, fazendo do visitante quase um amigo de imediato, está longe de ser o perfil de uma garota educada aos moldes europeus do século XIX. Quando menina teve aulas de piano, passou por primorosos preceitos de etiqueta e foi introduzida nas “artes domésticas” da costura e bordado. Dotes que acabaram sendo burlados quando descobriu que pintar os moranguinhos era mais rápido do que bordá-los e que um esparadrapo resolvia mais prontamente a bairrada das saias. “Eu vivia burlando as regras.”

Se, por um lado, Rosinha conseguia desvencilhar-se dos legados familiares, por outro, existem aqueles que persistem: “É sempre pesado carregar um nome, uma memória, sobretudo quando vem na forma de um fantasma”. Os Carrion foram proprietários de grandes extensões de terra, descendentes de heróis de guerra e portadores de brasão de nobreza – e coube às gerações futuras a responsabilidade de proteger os desvalidos. “Em criança, aprendemos que tínhamos responsabilidades para com os pobres”, comenta, referindo-se a ela e seus quatro irmãos. “Cada um de nós tinha o *seu pobre*”. Para a professora, essa respon-



FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTRATO

sabilidade social talvez explique o por que da presença de tantos membros de sua família dedicados à política e à vida acadêmica. E, por ser mulher, Rosinha foi ser professora. Afinal de contas, “a academia era mais apropriada ao sexo frágil”, ironiza.

Redoma quebrada – Outro momento de ruptura com a herança familiar ocorreu durante a experiência como professora de Educação Moral e Cívica na escola pública Infante Dom Henrique, então um núcleo de contestação ao regime militar. Era início dos anos 70, mas a repressão que amedrontava tantas famílias, não foi imediatamente percebida por Carrion. “Meu pai, ainda que mais tarde viesse a se arrepender amargamente, apoiou o golpe militar. Eu pertencia ao estrato social intelectualmente comprometido com o golpe”. Criada neste ambiente, ingenuamente, Rosinha trabalhava em sala de aula com autores como Karl Marx e Caio Prado. Por ocasião das comemorações de 7 de setembro, chegou a realizar com seus alunos uma peça crítica ao discurso da independência brasileira, fato que acabou chamando a atenção do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Seu pai articulou con-

tatos para resolver o caso em Brasília e livrar antecipadamente a filha do “escândalo” de ser apontada como subversiva. Foi então que Rosinha percebeu que o “sistema estava podre”, e que jamais voltaria a ser a mesma leitora de antes, motivada apenas pela curiosidade intelectual. Decidiu fazer Sociologia para entender o processo de construção daquela sociedade.

Sempre aprendendo – Rosinha aprende com tudo, há algum tempo ficou com uma seqüela no rosto que lhe tolhe parcialmente a espontaneidade da fala. Tempos depois, conversando com a irmã, comentou que o problema a fez aprender a escutar mais e falar menos, pois “aqueles que falam muito correm o risco de se tornarem autoritários. Com o problema em meu rosto, me obrigou, até pelo cansaço, a ouvir mais ao invés de falar.” Defensora ardorosa do respeito pelo outro, complementa: “o autoritarismo consiste, basicamente, em qualquer pessoa, em qualquer circunstância, se julgar, por qualquer motivo, mais digna de respeito, de bem estar, de participação do que qualquer outro indivíduo”. Seus gestos e fisionomia sinalizam tal desaprovacão, para depois sorrir e continuar a conversa.



Os areais do Rio Grande

FOTOS ROBERTO VERDUM E LUIS ALBERTO PIRES DA SILVA | TEXTO ÂNIA CHALA



Desde a década de 80, o Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFRGS investiga o fenômeno da arenização no interior gaúcho. Em 1997, o professor Roberto Verdum iniciou estudos que complementaram os dados levantados por sua colega, Dirce Suertegaray, na década anterior. Atualmente, são pesquisados 10 municípios da região da Campanha, situados no sudoeste do estado. Verdum chama a atenção para o fato de que, ao contrário do senso comum, areais não podem ser vistos como desertos. Estes, segundo o professor, são caracterizados como regiões em que o padrão de chuvas atinge os 250 mm anuais, um índice extremamente baixo. “No Rio Grande do Sul, a média anual de chuvas chega aos 1.400 mm. Por isso, não podemos dizer que temos áreas desertificadas.”

Romper o olhar negativo que relaciona esses ambientes a áreas desertificadas, revelando sua riqueza de fauna e flora, é um dos objetivos do projeto de pesquisa que Roberto Verdum coordena junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade.

O estudante Luis Alberto Pires da Silva, cujo trabalho de mestrado faz um levantamento histórico sobre o quanto a dinâmica da divisão de propriedades e seu uso na pecuária e na agricultura pode interferir no processo de arenização, acrescenta que a atividade humana tem um papel importante nesse processo, mas que os ecossistemas estão sujeitos a momentos de expansão e retração: “em grande parte do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e do Uruguai houve períodos extremamente úmidos, tanto que em áreas onde hoje existem areais há lugares em que o processo de sedimentação das partículas de rochas é de origem hídrica. Ou seja, ali já existiu muita água”, esclarece o mestrando.

O público poderá conhecer parte desta pesquisa visitando a exposição fotográfica “Arais gaúchos: um desafio para a percepção e a estética”, que o Museu da UFRGS irá inaugurar no dia 12 de maio. A visitação poderá ser feita até 20 de junho, de segunda a sexta, das 9h às 18h, com entrada franca.

